Nº 31

1 - 8 - 52

a cena muda

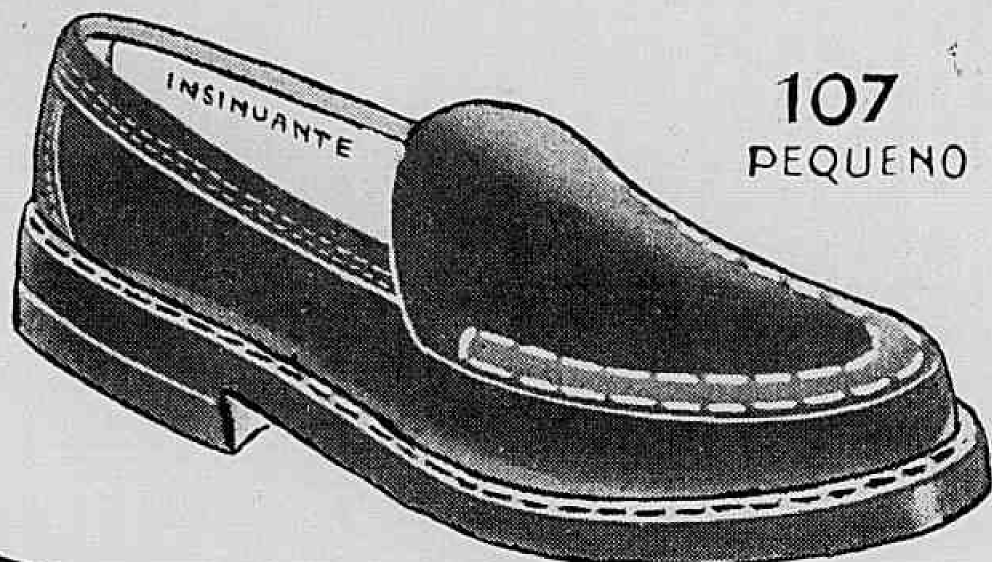
Cr$ 3,00
EM TODO
O BRASIL


BIBLIOTECA NACIONAL
Rio de Janeiro

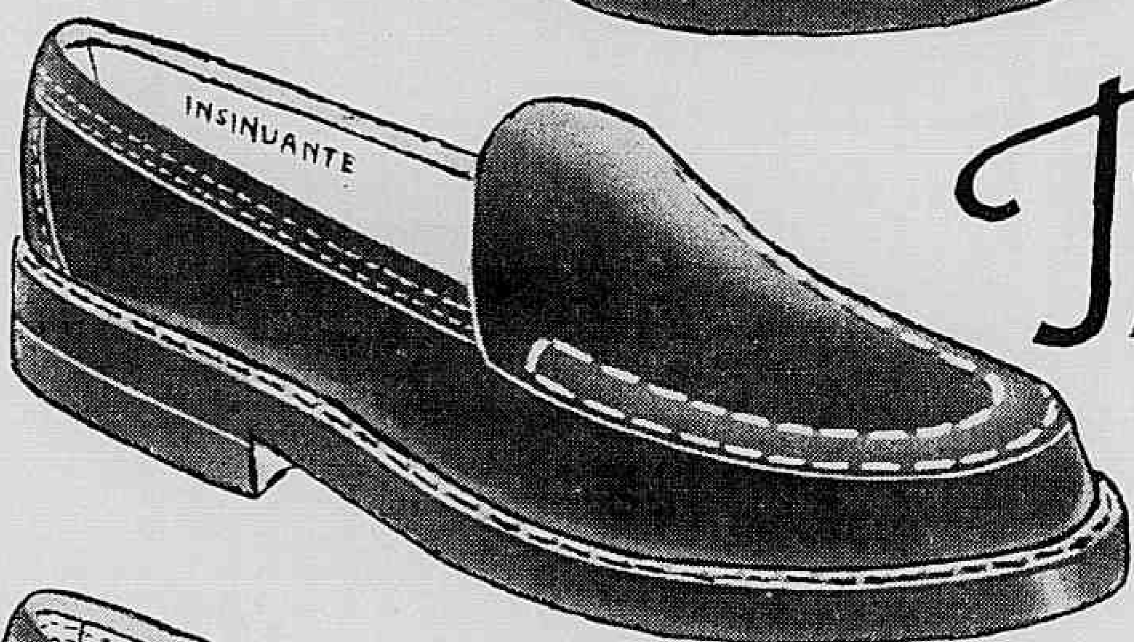


BEM SERVIR

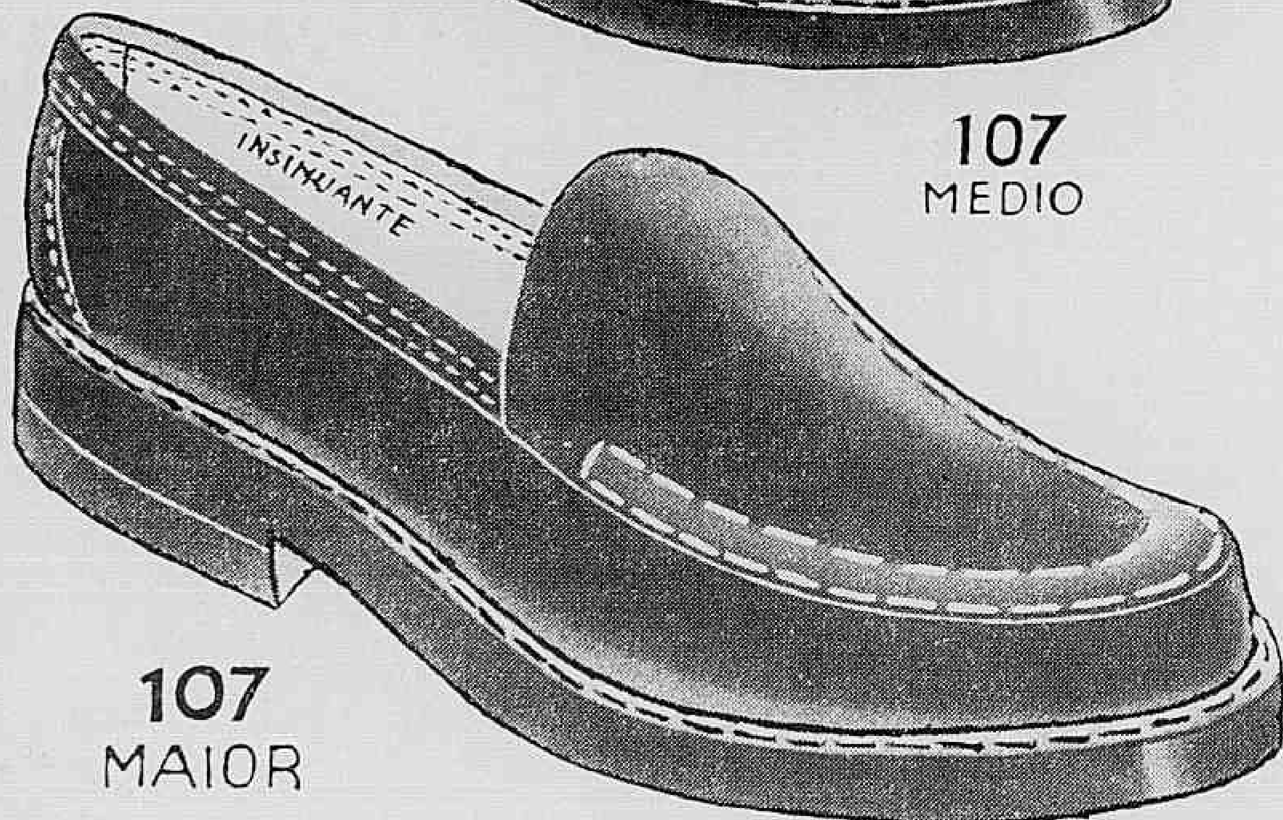
CARACTERISTICO INCONFUNDIVEL DA SAPATARIA MAIS QUERIDA DA CIDADE !



107
PEQUENO



107
MEDIO



107
MAIOR

Trampolim do Diabo !

UM SAPATO PARA SI PARA O SEU FILHO E PARA O SEU NETO

P R E Ç O :

Pequeno	28	a	33	Cr$	150,00
Médio	34	a	37	Cr$	195,00
Maior	38	a	44	Cr$	200,00

Remetemos para todo o Brasil. Porte por par 5 cruzeiros

Não fazemos reembôlso postal

insinuante

Devolve a importancia com o mesmo sorriso com que lhe vende !

UMA GALERIA A SUA DISPOSIÇÃO COM AGUA GELADINHA SEMPRE AS SUAS ORDENS.

CARIOCA, 46-48 - 7 de SETEMBRO, 199-201

AT. SEMO



CIRANDA, cirandinha

1 — Dois filmes nacionais em exibição na Cinelândia, e anúncios de mais alguns. Os dois da semana que passou, foram: "Era uma vez um vagabundo" e "Sai da frente!". Nenhum dêles conseguiu acrescentar uma pedrinha ao edifício de nossa indústria de longa metragem. Mas não devemos culpar as produtoras e os respectivos diretores. Nós lutamos com a concorrência estrangeira, especialmente a vinda de Hollywood, e nos habituamos, desde o comêço do cinema, a ver e a admirar as fitas de lá. Formou-se no espírito brasileiro o conceito de que só os filmes norte-americanos prestam. Não se pode estabelecer confrontos, é claro, entre uma indústria arquimilionária, dispondo de técnicos, máquinas, artistas de alto teor, com a nossa enfezadinha produção ainda nos cueiros, lutando com tôda sorte de obstáculos, a começar pela remuneração das casas exibidoras. Mas, se dermos um balanço chegaremos à conclusão de que nosso cinema já deu pulos sensacionais na arena da batalha, e muitos de nossos filmes são superiores a vários que Hollywood nos manda. Que falta? Argumento. O defeito máximo de nossos filmes está no argumento e na dialogação, muitas vêzes de um ridículo enrubescedor. E' preciso que os diretores corrijam a mania que têm os artistas de pensar que estão no palco. "Era uma vez um vagabundo" e "Sai da frente!", são dois dentes frágeis na engrenagem do nosso engenho cinematográfico. Evitem coisa igual. Do contrário a roda arrebenta, de uma vez.

2 — Nossos reparos sôbre a negligência em que vivem os produtores brasileiros quanto à divulgação de suas fitas em publicações especializadas, como é esta revista, tiveram a maior repercussão. Do Rio e de São Paulo nos chegaram correspondências nas quais se promete corrigir a falta com a remessa de material, noticiário, dados biográficos de artistas, novidades de estúdios, etc. Queremos agradecer aqui, à gentileza da "estrêla" Landa Lopes, que vai manter, semanalmente, uma seção sôbre o cinema em S. Paulo, e à Seção de Divulgação Cinematográfica da "Flama", desta capital, que já iniciou sua cooperação com a CENA MUDA, fornecendo-nos material e descrição relativos ao seu próximo lançamento, "Com o diabo no corpo", comédia musical dirigida por Mário del Rio, e que deverá contribuir para mais alento ao incipiente cinema nacional.

3 — Prossegue a votação sôbre nossa pergunta inicial: deve a CENA MUDA continuar eclética, com seções de música, rádio, teatro, boites, etc., ou voltar ao que era até julho de 1942, tratando exclusivamente de cinema?

4 — "Modêlo 19" é o nome de um filme nacional, que, ao sair esta edição, deve estar em cartaz na linha do Palácio. Ao escrevermos esta nota só tínhamos da película a informação de que se trata de cuidada produção da Multifilmes Ltda., desta capital, dirigida por Mário Civelli. Uma coisa, porém, nos agradou de início: o programa contendo o elenco e outros informes. Reproduz exatamente, com as armas da República e demais caracteres internos, a carteira "Modêlo 19", para estrangeiros, tendo ao centro da fôlha dobrada em três, sugestiva cena do filme. Se a película estiver feita com a arte e talento existentes nesse prospecto, parabéns ao nosso cinema, ao Mário Civelli e demais responsáveis pelo lançamento.

RENATO DE ALENCAR

CINEMA BRASILEIRO

"COM O DIABO NO CORPO"

RESUMO DO ARGUMENTO

MANHÃ alegre e cheia de sol, em pleno centro comercial carioca. As lojas se aprontam para iniciar suas atividades do dia. Na "La Rève", uma das mais luxuosas casas de lingerie da cidade, notam-se os primeiros movimentos. Enquanto arrumam as mercadorias, as balconistas, jovens, bonitas e elegantes, conversam sôbre suas atividades no dia anterior — a ida ao cinema, o romance ou as rusgas com os namorados. Conversam, sob os olhares atentos do gerente, sr. João da Silva Silvares (Luís Delfino), com quem e para qualquer assunto, mesmo os de ordem pessoal, se encontra solução. E geralmente êle resolve satisfatòriamente, porque é muito bonzinho, um amor de gerente. Naquele momento Silvares se acha ocupadíssimo, inteiramente dedicado a uma das funções que êle considera uma das mais importantes do negócio: a arrumação da vitrina. Êle mesmo faz questão de ser o vitrinista exclusivo. Faz gôsto vê-lo nessa atividade. A vitrina está tôda vedada, tanto para a rua como para o interior da loja, envolvida por uma grande peça de linho pardo. Silvares compõe um manequim. Do lado de dentro a cortina não vai até o chão, vendo-se através do vidro as pernas do gerente em calças escuras e as pernas nuas do manequim. Pernas de cêra, estáticas e frias, ao lado de pernas inquietas, nervosas, bem humanas, que no geral servem bem para traduzir o romantismo do gerente diante do lindo manequim de mulher. Silvares, por isso mesmo, está visìvelmente emocionado com essa freguesa imaginária, mas paupável, e usa sua longa prática de vendedor de lingerie, agora sem os terríveis compromissos daquele respeito religioso impôsto pela condição de vendedor. Assim, absorvido inteiramente, Silvares está sendo observado por alguém — das galerias da loja duas balconistas apreciam aquêle autêntico idílio manequínico. A custo contêm um riso e exclamam: — "Tudo que o sr. Silvares está dizendo ao manequim é precisamente o que êle tem vontade de dizer a certas freguesas e não diz por falta de coragem". — Visto pelas pequenas, Silvares, sem jeito, retorna ao interior da loja, como que francamente humilhado. Mas êsse embaraço termina precisamente quando a sua presença está sendo reclamada com urgência, um telefonema importante para atender. Chamam-no do teatro, o maior empresário de revistas (Arnaldo Coutinho), êle próprio, está ao telefone, louco da vida com a irresponsabilidade da loja, que até aquela hora não mandara a encomenda dos espartilhos das coristas. Silvares desmancha-se em desculpas. Claro que êle não desejava o adiamento da estréia, longe disso tal pensamento. E lá se foi Silvares, pessoalmente, entregar a tão reclamada encomenda. Cheio de si, maneira muito profissional, Silvares penetrou no teatro acompanhado de dois homens com as caixas de mercadorias. No salão principal êle se deteve um pouco, abismado com os cartazes e fotografias berrantes de mulheres seminuas. Seu rosto vai ganhando nova expressão, menos de gerente, mais humana. E assim êle entra na sala de espetáculos — naquela hora totalmente vazia — atraído por um pianista solitário, que no momento martela sôbre mesma melodia para um ensaio de um "ballet" estilizado. Tìmidamente, Silvares ocupa uma poltrona da oitava fila e fica perdido na imensidão do teatro como único espectador. A cada berro que o coreógrafo dirigia às bailarinas, Silvares reagia como se fôsse êle próprio o repreendido. Mas, o "ballet" toma logo o seu ritmo normal. Terminados os ensaios, Silvares, já inteiramente embevecido, lembrou-se de que sua presença se fazia necessária na seção de costura, onde Dona Laura (Zizinha Macedo) era a responsável. Num mundo diferente e agitado, a caixa do teatro, entra Silvares, coitado, tímido vendedor de peças íntimas de senhoras. As moças, furiosas, reclamam os espartilhos, diante da perplexidade do gerente de "La Rève", principalmente Sônia (Patrícia Lacerda), a mais bonita e a mais temperamental de tôdas. Sentindo-se asfixiada pela compressão do busto, Sônia, com alguns gestos bruscos, liberta-se dos espartilhos e atira-os sôbre o rosto do nosso tímido herói, que tenta reagir mas logo é vencido pela impetuosidade esmagadora da jovem. Nesta ocasião, Dona Laura intervém e leva Silvares para fora da caixa do teatro. Pede-lhe desculpas, que são logo reforçadas pela própria Sônia, que o alcançou ainda no salão de espera.

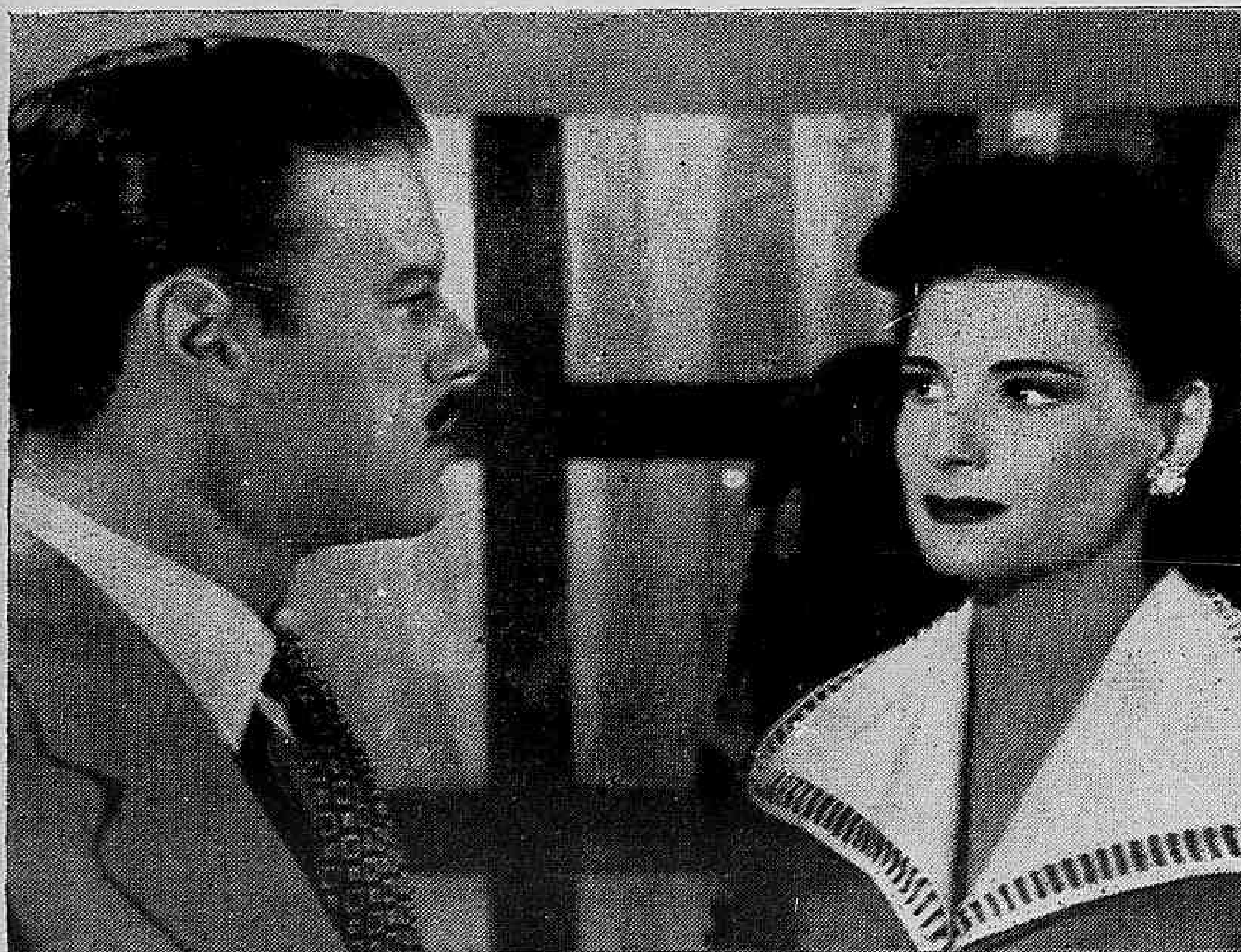
Filme nacional, realização da "Flama" ★ Distribuição da "Unidos Filmes S. A." Direção e produção de MÁRIO DEL RIO.

NÚMEROS MUSICAIS: "Samba em Paris" (de Gaya), "Can-can" (de Gaya), "Não tenho você" (de Paulo Marques e Ari Monteiro), "Carrapicho" (baião de Humberto Teixeira), "Jezebel" (de Shanklin, versão de C. Rocha) e "Coimbra" (de Raul Ferrão)

Cantados por: ÂNGELA MARIA, JORGE GOULART e DÓRIS MONTEIRO, figurando o Corpo de Baile do Teatro Municipal.

ELENCO (figuras principais):

João da Silva Silvares	LUÍS DELFINO
Matilde	ALICE MIRANDA
Sônia	PATRÍCIA LACERDA
Júlio	MURILO NÉRI
Dr. Castilho	CARLOS COTRIM
"Estrêla" da Revista	CARMEN MACHADO
Maria	JACY DE OLIVEIRA
Senhora Curvelo	MAGDA MARIA



Ela gostava dêle, mas o diabo do homem não descobria o seu amor. (Luís Delfino e Alice Miranda)



Silvares (Luís Delfino) fazendo galanteios ao manequim, já que ninguém o amava

E como prova de solidariedade e de simpatia, a pequena ofereceu ao gerente da loja de modas uma entrada, para a primeira fila. Despedindo-se de Silvares, Sônia ainda o presenteia com um largo adeus. Já no dia da estréia da peça, lá está Silvares, agitado, nervoso, à espera da abertura da cortina, que se abre com a exibição de apimentado "can-can" e debaixo dos ensurdecedores instrumentos da orquestra. E as garôtas pareciam mais sensuais naqueles espartilhos moda de 1900, principalmente Sônia, cuja figura logo desperta os olhos atônitos de Silvares. Das cestinhas, penduradas ao pescoço, retiram as coristas as pétalas de rosas, e Sônia, na passarela, entrega uma delas a Silvares, que nesta altura, orgulhoso, guarda-a com carinho dentro do lenço, no bôlso interior do casaco. E com todo o carinho a rosa é retirada, no outro dia, do bôlso do gerente para um copo d'água, sôbre uma mesa pequena. Motivo para que, ao adormecer, Silvares entre em belos sonhos, onde a figura de Sônia volta a perturbar a sua imaginação. No dia seguinte, novamente no teatro, aglomeração de pessoas, movimento intenso, tráfego congestionado, cambistas em atividade. Silvares novamente toma o seu lugar na poltrona junto à orquestra. Os programas ostentam todo o elenco da revista "Com o diabo no corpo". Lá nos bastidores, porém, o ambiente é outro. Sônia discute acaloradamente com Júlio (Murilo Néri), seu namorado e tipo do bonitão carioca, o qual ela despacha em tom definitivo. Júlio, entretanto, fleumático, decidido a não dar muita importância àquela confusão de palavras, sai fora dos bastidores. Na platéia, Silvares continua indócil, à espera da presença de Sônia, que, de resto, é a única coisa que lhe interessa no espetáculo. Tem lugar a mesma entrega da rosa de Sônia para Silvares, o que parece feito sem maiores conseqüências, a julgar pelo acontecido ao final do último ato, quando o gerente vai esperá-la à porta de saída. Saem as coristas, e ao final destas vem Sônia, que passa por Silvares em direção a Júlio, na porta. Decepção tremenda para o homem da loja de modas, que desperta a atenção de Júlio e motiva uma pergunta dêste para Sônia: — "Aquêle cavalheiro parece querer falar-lhe!" — E a jovem caminha até êle, perguntando: — "Quem é o senhor, afinal" — Ante a secura da pergunta de sua deusa, assim a queima-roupa, Silvares se afunda: — "Eu... eu... sou o cavalheiro da rosa". — e declara que aquela rosa que êle tem já é a terceira que recebia de suas delicadas mãos. Então fica tudo esclarecido para Silvares: há três noites que êle se sentava no mesmo lugar. Ela até sabia o número da poltrona dêle: número dez, primeira fila da orquestra, ao centro.

O gesto delicado da corista era mecânico, obrigatório, fazia parte da marcação do "can-can", porque quando a poltrona dez ocupava-se com uma senhora, ela oferecia a rosa ao cavalheiro que estivesse sentado na número doze. Sônia revelou êsse fato com naturalidade, achando graça, sem saber que estava magoando profundamente o seu fã apaixonado. Entretanto, ela se lembrava dêle, não da poltrona nem da rosa, mas possìvelmente do camarim. Ah, sim! Êle foi o homem que certo dia veio entregar os espartilhos... Tristes sonhos iria ter daqui para diante o nosso herói... Os dias passavam-se monótonos na loja. A melancolia já não podia deixá-lo tão solícito com as freguesas. Dêsses cavacos do ofício, queixa-se Silvares a Matilde (Alice Miranda), mulher de meia-idade, nada bonita, colega antiga, a única em quem Silvares, ali na loja, deposita inteira confiança, porque não é como as outras balconistas cabecinhas de vento... Elas não são tão bobinhas assim, "seu" Silvares! Já perceberam o seu ar sorumbático, de apaixonado perdido nas nuvens... Silvares fica admirado quando Matilde diz-lhe isto. E retruca: — "E você, que é que acha?" — Matilde também achava a mesmíssima coisa. E quando êle vai revelar a sua grande aventura, eis que entra na loja a senhora Curvelo (Magda Maria), uma dessas matronas bem postas, da alta sociedade, e antiga freguesa de "La Rève", que só usa "soutiens" especialmente confeccionados. Silvares fica atendendo à obesa dama, até ao momento em que vêm chamá-lo ao telefone. Silvares, dando alguns passos apressados, quase esbarra numa freguesa: era Sônia. E' escusado dizer que êle nessa altura não sabia nem onde botar as mãos... Sônia explicou-lhe que passando diante daquela loja se lembrara de comprar alguns artigos. O chamado telefônico para Silvares ficou sem resposta... "E aquêle rapaz?" — perguntou Silvares a Sônia. Ora, o Júlio? Naquele dia da explicação das rosas êle estava com tudo porque havia ganho umas "barbadas" no Jockey... Mas, Sônia parecia interessar-se mais no gerente que nas compras ou no Júlio. Perguntou-lhe, com gesto provocador, porque êle não havia aparecido mais no teatro. De agora em diante, quando o gerente quisesse vê-la, precisaria apenas falar com o porteiro



Esses espartilhos não prestam! Vou jogá-los na cara daquele palerma!



Não admito brincadeira comigo! Sou o gerente e não estou para pilhérias!



Você, Sônia, é o meu amor! Entretanto, a artista não sentia o mesmo por êle

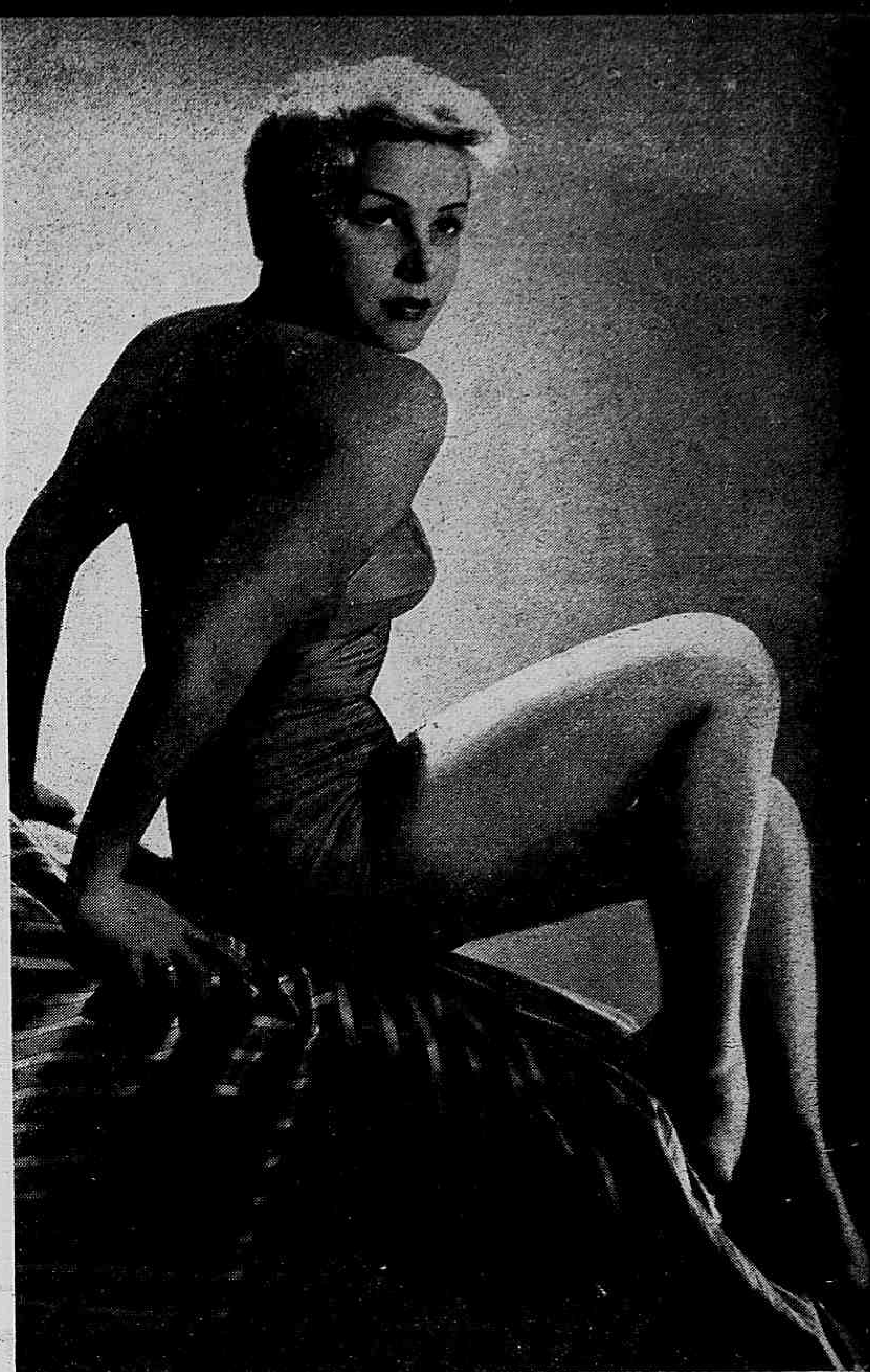


Matilde (Alice Miranda) amava em segrêdo; mas estava em dia com Santo Antônio...

do teatro e se dirigir à caixa. As balconistas estranharam que o gerente houvesse esquecido completamente o tempo, as coisas... o telefone... e Madame Curvelo! Nessa altura, Sônia retirou-se, com a promessa de um encontro próximo num clube noturno. Em casa, Silvares, todo perfumado, todo elegante, provoca a curiosidade da sua empregada Maria (Jacy de Oliveira). Agora já no terceiro uísque, lá dentro do clube, onde, ao microfone, está a cantora entoando uma bela canção, Silvares confessa-se a Sônia: gostava dela, mas tinha receio... A pequena dá um riso irônico, dizendo que êle não se preocupasse e não procurasse se apaixonar. Já no segundo encontro, Silvares não foi tão feliz. O cãozinho de Sônia, que Silvares segurava, foge-lhe das mãos, para desespêro da jovem que, irritada, esbraveja. Em outro encontro, novamente outra decepção. Sônia, no Jockey Club, procura localizar Júlio, justamente quando Silvares propunha-lhe casamento. Assim, um grande amor pela corista passa a ocupar tôda a vida do gerente de "La Rève", amor quase platônico, com todos os seus legítimos impulsos controlados e ao mesmo tempo causados pela natureza displicente da pequena. Matilde era a conselheira dessa paixão mais infantil que outra qualquer coisa. Sônia, em seu apartamento, ocupava-se, com mais duas outras coristas, em recortar os cupões dos jornais para o concurso de "Rainhas das Girls". Sônia queria vencer para chegar à categoria de "estrêla", enquanto, desesperada, sabia que Júlio trabalhava como "cabo eleitoral" para outra pequena do teatro. A certa altura, tocam a campainha do apartamento. Era um portador, com uma pilha de jornais com cupões para Sônia, enviados pelo Silvares que, também em seu apartamento, recortava jornais precisamente pelo mesmo motivo, precisamente para ver Sônia vencer o concurso. Pela madrugada, a corista telefonava-lhe. Pedia para sairem juntos, ir ao clube noturno, sentar na mesma mesa e dançar novamente um baião. E Silvares já tinha a sensação de Sônia ser verdadeiramente sua namorada. Uma vez na "boite", Sônia vai diretamente à mesa onde se encontrava Júlio acompanhado de outra mulher, onde esbraveja mil e uma coisas, fechando o tempo com tremenda pancadaria. Silvares, todo amarrotado, queixa-se da conduta de Sônia, que cai em prantos, lastimando-se. No dia em que a corista foi proclamada "Rainha das Girls", Silvares encontrou-se no camarim do teatro com Júlio, que, cìnicamente, zomba da vitória da pequena, que depois vem a ser altamente comemorada. Um incidente vem pôr tremenda indisposição entre o gerente e a corista, que o expulsa do recinto do teatro. Novas tormentas. Silvares já não vai mais à loja com assiduidade, está perturbado. Os seus suplícios são novamente narrados a Matilde, que o aconselha a tomar umas férias — para descansar e esquecer Sônia. A irritabilidade do gerente é atirada à cara de Madame Curvelo, a melhor freguesa da loja. Uma temporada numa casa de saúde transforma o nosso herói, que do tímido Silvares passa a fazer os atos mais incríveis do mundo, depois que o seu patrão, Marcelino Prudente, vem a falecer e sua viúva entrega-lhe a direção da loja. E o aspecto da "La Rève" obedece agora a um luxo fora do comum — com exposições de modas, orquestras, salão de chá... E Silvares, metido numa arrogância que, solenemente contava com a repulsa de Matilde. Mas Silvares um dia cai num abismo profundo, quando o Dr. Castilho, que o havia tratado na casa de saúde, pergunta se êle, tão diferente, tão arrogante agora, já percebeu, se mesmo diante de tanto luxo, tanta importância, havia reconhecido não ser o dono de sua própria pessoa. "Dono de si mesmo?..." — Aquela pergunta foi como uma ducha de água-fria nos pretensiosismos de Silvares! Nesse momento o novo sócio de "Le Rève, o antigo e modesto gerente, recebeu um telefonema de Sônia, que lhe mandava um recado do hospital onde estava internada, por tentativa de suicídio. Ali chegando, o rapaz encontrou a pequena transformada, embora já fora de perigo. Praticou o ato de suicídio por amor a Júlio, que mais tarde com ela vem a se reconciliar definitivamente. E Silvares nessa ocasião tem de Sônia uma revelação assustadora: — "Se você não sabe, nunca percebeu, aquela pequena, a Matilde, dedica-lhe profunda afeição. E' com ela que está a sua verdadeira felicidade, "seu" Silvares!" — E, na realidade, foi com a ingênua e amorosa Matilde que o complicado Silvares conseguiu terminar com tôdas as suas frustrações de gente moça e sem juízo...

Loura, Bonita e Talentosa

ROSÂNGELA é paulista. Nasceu numa sexta-feira, 13 de agôsto de 1927. Mas não é supersticiosa, e a data nenhuma perturbação lhe trouxe à vida. Muito afetuosa, tem imenso prazer na cultura do espírito. Desde cedo se inclinou para a arte cinematográfica e sonhou em colocar-se nas alturas de nossas constelações fílmicas. Entretanto, como todos sabemos, o panorama do cinema nacional de longa metragem ainda não oferece boas oportunidades para o mundo feminino. Mas, um dia, ei-la filmando em "Milagres do Amor", com Fada Santoro e Paulo Pôrto. A produtora cinematográfica "Flama", sob a direção de Moacir Fenelon, um dos nossos mais competentes cineastas, gostou muito da atuação de Rosângela e não se descuidará de seu aproveitamento em próximas rodagens. Atualmente Rosângela está atuando no rádio com Silveira Lima, com quem faz "Domingo é nosso", da Tupi. Rosângela tem inclinações para o drama, o que é da maior importância para nossos produtores cinematográficos, sabendo-se como se sabe, que há carência de elementos femininos para tal gênero artístico. Uma intérprete dramática em nossos estúdios é um presente dos deuses. Por êsse motivo, a "Sacra Filmes" a incluiu no elenco de "Dois Destinos", filme dramático de grande atualidade social.



Rosângela, revelada aos fãs por Moacir Fenelon



Uma pose de Rosângela aos leitores de «A Cena Muda»



A grande artista dramática, numa cena de «Ainda há sol em minha vida»

Tratando dos filhos que não eram seus, mas que os amava loucamente



Jane Wyman NÃO GOSTOU de CASAMENTOS

JANE Wyman, a gloriosa estrêla de "Belinda", agraciada com o "Oscar" da Academia Cinematográfica e que ora obtém nova e triunfal consagração em todo o mundo, no filme de Jerry Wald e Norman Krasna "Ainda Há Sol em Minha Vida" (The Blue Veil), da RKO, é uma das mulheres mais cultas de Hollywood. Seus livros constituem seu orgulho, e para ela, a biblioteca é a parte mais importante de sua bela casa, situada em Beverly Hills. Não são apenas livros decorativos, pois foram todos lidos por sua proprietária.

— "São verdadeiros amigos — declarou Jane Wyman — não perguntam, mas ensinam muito. Proporcionam alegria de viver, mostrando muitas coisas novas, provocando o interêsse por vários setores da vida e que muita gente desconhece."

Jane, que poderia dizer muito, porque sabe muito, é uma das mais discretas mulheres da capital do cinema. Não gosta de falar de sua vida particular e, nesse sentido, mostra-se inflexível. Não se poderá dizer que sua vida foi sempre feliz: sofreu muito com os seus dois casamentos e sua carreira no cinema não foi fácil.

Jane Sarah Fulks, que é o verdadeiro nome de Jane Wyman, iniciou-se no cinema em 1936. Durante 15 anos trabalhou em 42 filmes, entre os quais dois ou três entraram para a história do cinema.

Ao fim de seu primeiro ano de atuação, casou-se com Myron Futtermann; mas logo percebeu que não seria feliz e, um ano depois, se divorciava. O segundo casamento, em 1940, depois de muito hesitar, foi com Ronald Reagan. Durou oito anos e teve dois filhos: Maureen, uma menina que hoje tem 11 anos, e Michael, com 7 anos.

Passaram-se quatro anos do segundo divórcio e Jane conserva-se solitária, consagrando-se exclusivamente à educação dos filhos. Ela não evita os homens, mas não os trata como eventuais candidatos a marido. Fala-se que já teve várias propostas de casamento, mas recusou-as tôdas, talvez pela experiência anterior.

Jovem ainda, muito inteligente, viva, alegre, Jane não é o que se chama uma mulher bonita; mas seu rosto, expressivo, tem um encanto particular e seus olhos cismadores são atraentes. Boa companheira durante o trabalho, ela é muito severa para consigo própria e para com os outros artistas. E' uma das raras artistas que levam a sério seu trabalho. Antes de começar a rodagem de um filme, estuda minuciosamente seu papel. Os artistas que trabalham com Jane sabem que, durante a filmagem, têm as noites perdidas: são obrigados a estudar, com ela, duas ou três horas, as cenas que filmarão no dia seguinte. Ela não deixa escapar nenhum detalhe e, graças a êsse modo de colaboração, o trabalho torna-se mais fácil e dá melhor resultado.

Recentemente, Jane Wyman foi vítima de um roubo: no dia de Natal do ano passado, enquanto se achava com os filhos em casa de uns amigos, ladrões penetraram em sua casa, roubando jóias, roupas, peles e dinheiro, no valor de sessenta mil dólares. Os ladrões tiveram muita facilidade em entrar em casa de Jane, pois, como sucede sempre, a imprensa havia anunciado o programa da artista para o dia seguinte. Êsse é mais um roubo de grande importância cometido contra estrêlas de cinema, e Jane recebeu com a sua calma normal a notícia do roubo, exclamando, simplesmente: — "Para mim representa uma grande perda, porque não ganho tanto como se pensa."

O PROBLEMA do DIVÓRCIO num FILME

AVANÇA O CINEMA EXPLORANDO ASSUNTOS DIGNOS DE TODO O PRESTÍGIO, POR PARTE DO POVO

AINDA recentemente foi noticiado ter a "Sacra Filmes" iniciado provas em seus estúdios próprios da Rua Argentina, em S. Cristóvão, para a escolha de uma jovem que deveria encarregar-se da responsabilidade do principal papel feminino de sua nova produção (a segunda, depois de "Pecadora Imaculada", onde, por coincidência, também a "estrêla" é uma novaia, a promissora Jane Martins) intitulada "Dois Destinos", cujo tema é o tão debatido problema do divórcio.

Foram então submetidas a essas provas dezenas de jovens candidatas, escolhidas não só em nosso meio artístico (teatro, rádio, televisão, boites, etc.), como também por "descobridores de talento" em plena rua, nas praias ou nas casas comerciais, etc.

Realmente, testes difíceis foram estabelecidos pelo diretor Rafael Mancini, precisamente para obter daí uma verdadeira atriz dramática e um talento novo que seria responsável por um papel que, na realidade, é o esteio e o centro da ação do filme "Dois Destinos".

Finalmente, agora, a "Sacra Filmes" pode anunciar com satisfação que resultou plenamente vitoriosos os testes feitos com a radioatriz Haidée Miranda, que assim será a protagonista daquele celulóide, vivendo uma mulher que vai dos vinte e três aos sessenta anos, em três fases que inquestionàvelmente requer um talento nato. E ninguém poderá contestar, vendo as fotos que publicamos com esta nota, que, no tocante a essa metamorfoseação (vinte, quarenta e sessenta anos). Haidée Miranda está aprovada cem por cento.

E podemos acrescentar que não ficou sòmente no teste fisionômico a vitória dessa jovem atriz, pois foi nela que o diretor-artístico Rafael Mancini encontrou um talento invulgar e promissor.

"Dois Destinos" vai entrar em filmagem brevemente. Nêle, sob as ordens de Mancini, atuarão, em papéis destacados, além de Haidée, Catalano, Paulo Maurício, Rosângela e outros. Coube a Mário Sombra e Mancini a planificação dêsse novo celulóide que a "Sacra Filmes" vai mostrar ainda êste ano ao nosso público.

A mesma artista já de cabelos brancos, numa atitude dramática



Haidée Miranda, como aparece no filme, aos 23 anos



A ART FILMS *apresenta*

"O MATA-MOUROS" (Le Capitan)

ENRÊDO

A França está em poder dos florentinos, representados pelo Marechal D'Ancre que, com sua mulher, monopolizam o poder da fôrça e brandem as armas da intriga, da traição e da venalidade. A côrte vive sob o regime policial da usurpação organizada. O Marechal D'Ancre não reina mas governa porque recebe os favores da rainha-mãe. O rei Luís XIII é menor, tem apenas quatorze anos. Sem ninguém que sustente a sua coroa, vê, apesar de jovem, que a França se esvai nas orgias da administração facciosa da política dos bens públicos. Os nobres conspiram. O chefe das fôrças armadas é o Duque de Condé, que vive amarrado ao dinheiro do Conde de Nels, que sustenta o exército e faz-se dia a dia maior credor da nação. Êste é o panorama em que se desenrola a história de amor e aventuras do Capitão de Capstang:

E L E N C O :

O Capitão	JEAN PAQUI
Duque d'Angoulême	PIERRE RENOIR
Giséllе d'Angoulême	CLAUD GENIA
Rinaldo	ALEXANDRE RIGNAULT
Marion Delorme	SOPHIE DESMARETS

Direção de ROBERT VERNAY

Numa saborosa tarde em que as estradas que levam a Paris estão quase desertas, cavalga uma jovem de rara beleza e personalidade altiva. E' Giséllе d'Angoulême. Sùbitamente, saltam da emboscada três cavaleiros que procuram capturá-la. Há luta em que a jovem porta-se com coragem, mas seria vencida se não surgisse um desconhecido que, empunhando sua espada, vai em socorro de Giselle. Afastados os assaltante Giselle não agradece a ajuda, ao contrário, verbera o procedimento do rapaz, pois ela queria sòzinha resolver o incidente. O rapaz é o cavalheiro de Capstang, que vai a Paris em busca de aventuras e de posição. Entre os dois há uma troca de palavras e Capstang se apossa de uma fita com as côres de Angoulême. Diz que isso lhe dará sorte e afasta-se. Nessa mesma tarde, ao avizinhar-se de um castelo, é abordado por um velho porteiro que lhe diz:

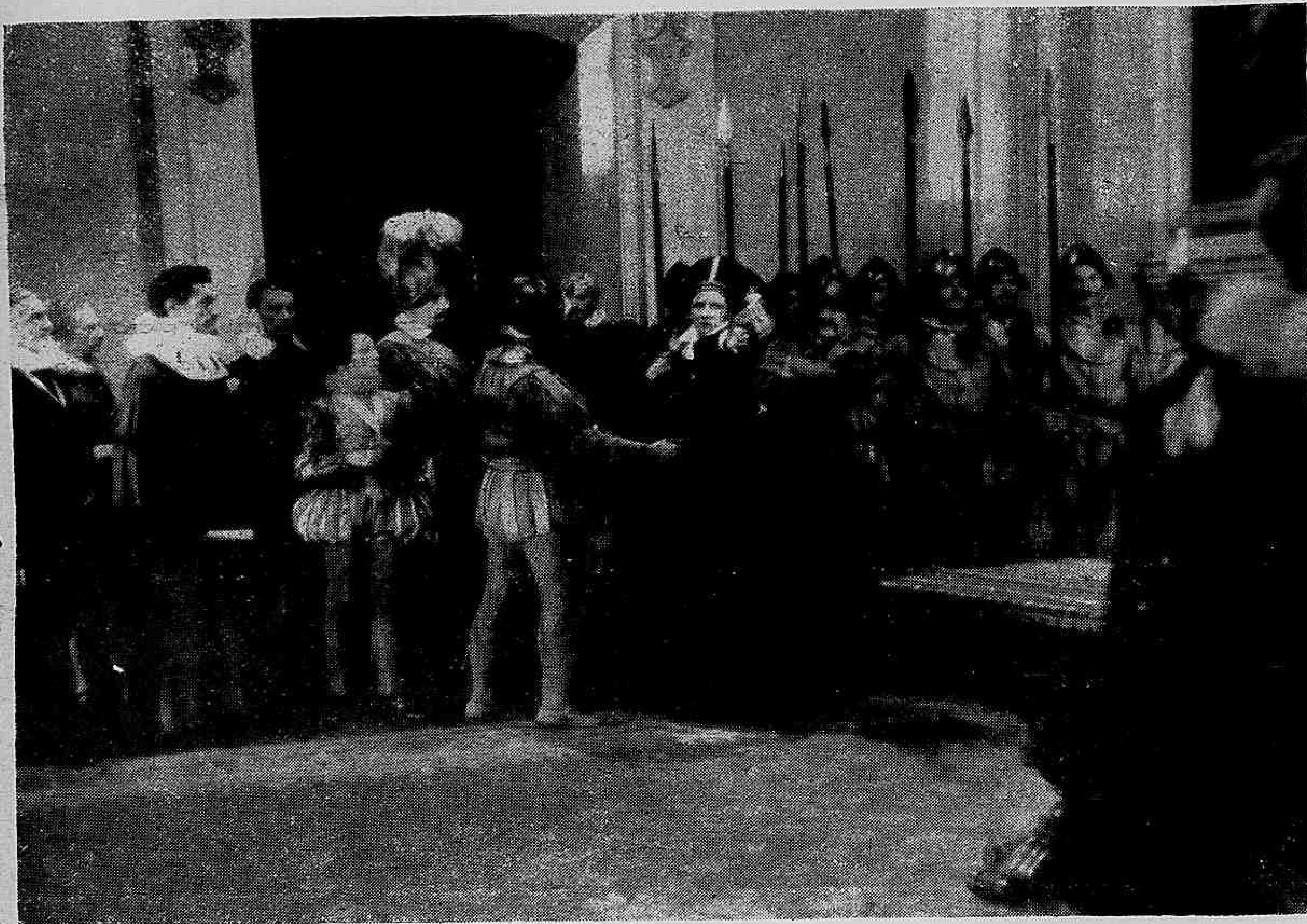
— Vá depressa que a reunião está terminando.

Capstang pergunta:

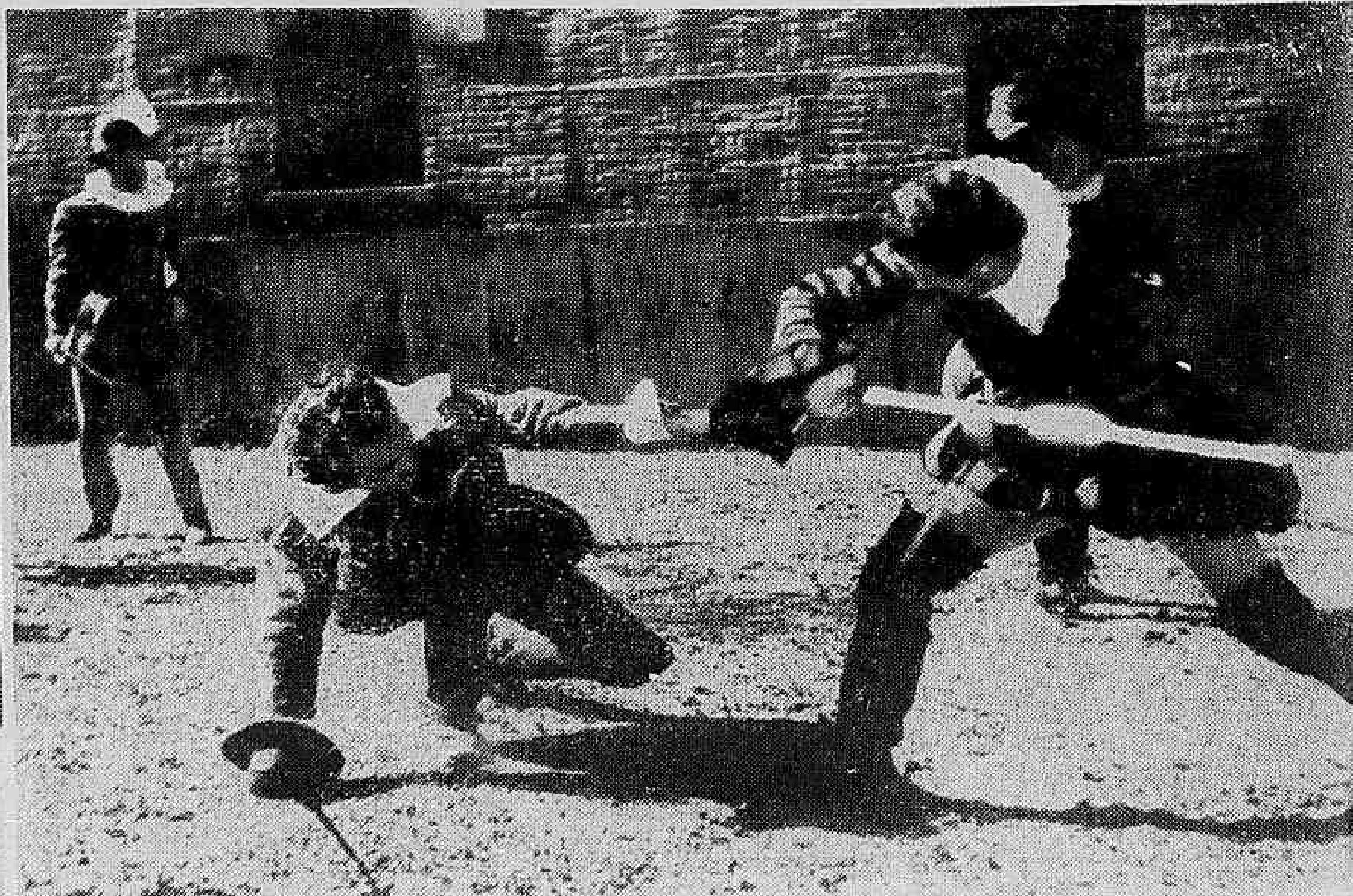
— Como me pôde reconhecer?

— Pela fita — responde o porteiro.

Era mais uma aventura. Ao ingressar no salão vê reunida a fina flor da aristocracia francesa. Estão conspirando contra o imperador. O chefe da conspiração é justamente o Duque d'Angoulême, que naquele momento era declarado rei, com o









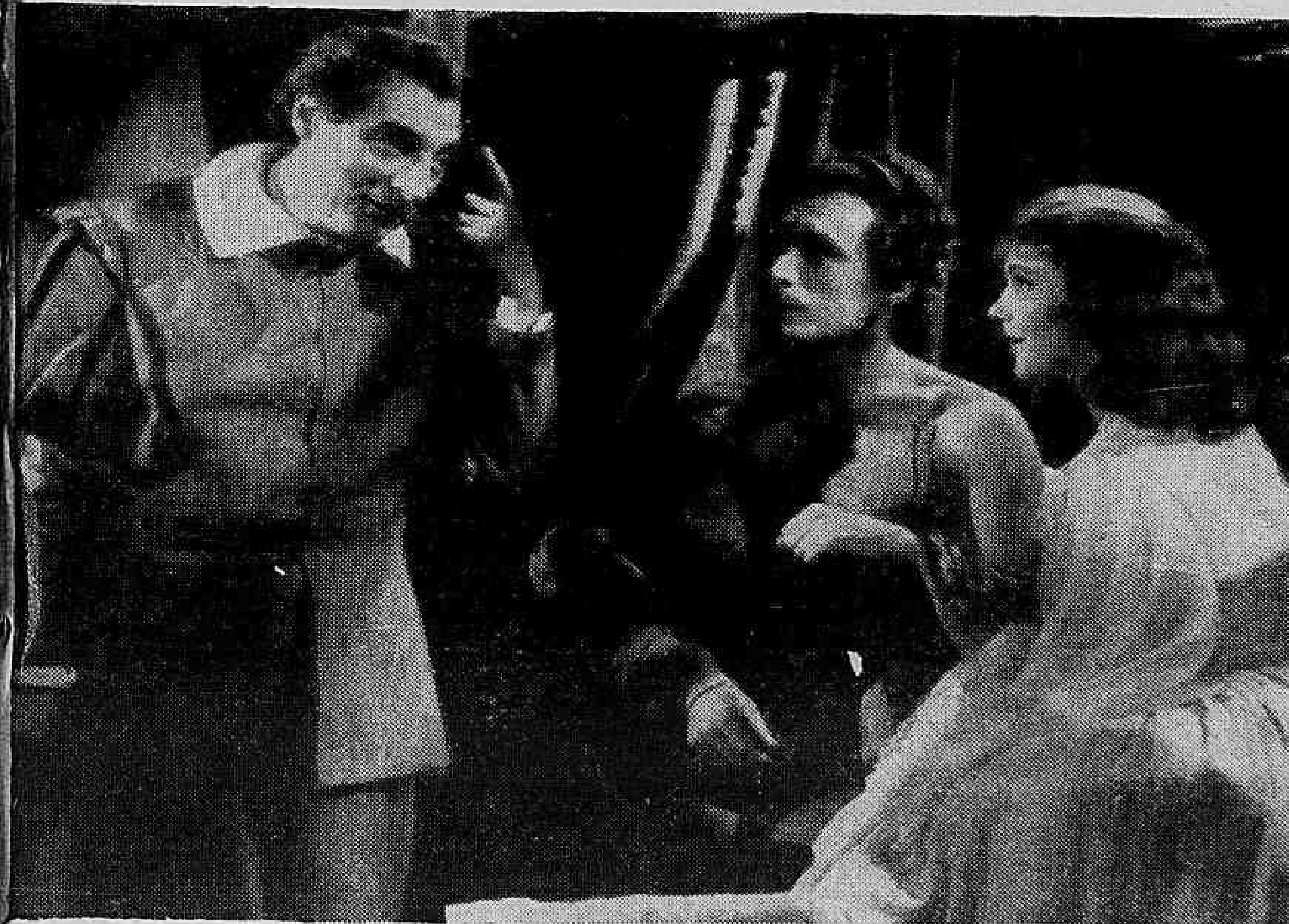
de D'Ancre. Consegue fugir e reune-se ao seu amigo Conde de Nels. Aí vem a saber que também Giséllе tinha sido apontada como cúmplice e está foragida. Realmente ela não fugira, fôra sequestrada por ordem de D'Ancre. Chega um momento em que também o Duque d'Angoulême está prêso.

Pôsto em liberdade, o destemido e leal Capstang consegue apoderar-se do anel do Marechal e com êle libertar d'Angoulême. Giséllе também está em liberdade porque a madre abadêssa do convento onde D'Ancre pensa ter segura a linda Giséllе, amiga dos Angoulême e lhe facilitara a fuga.

Libertos d'Angoulême e sua filha, o Conde de Nels vai procurar o príncipe de Condé para que marche sôbre Paris. Êste nega-se, apesar do exército ser pago com o dinheiro do homem que lhe pede a marcha contra os florentinos.

Depois de muitas lutas, de tremendos estratagemas, Capstang consegue chegar ao palácio e pretende explicar ao rei o que se teria passado. Entretanto, durante a sua ausência Luís XIII adquirira mais autoridade, porque D'Ancre começava a perder o poder diante do ciúme de sua espôsa e pelo fato de Luís ter desterrado a rainha-mãe. Capstang consegue avistar-se com o rei no momento preciso em que D'Ancre, por meio de intriga, deseja afastar sua espôsa para assim poder reunir-se a Giséllе. O expediente do Marechal não dera resultado e tudo ficara explicado. Capstang pede e consegue a graça de Luís XIII para os nobres que conspiraram contra o poder dos florentinos. Traz d'Angoulême ao palácio e com êle tôda a nobreza passa a acatar e emprestar autoridade ao jovem monarca, enquanto que Capstang, feito par de França e gentil-homem do Rei, abraça a sua Giséllе.

título de Carlos X. Capstang ouve tudo, sem apartear. Súbito, tratam de entregar Giselle ao filho do Conde de Nels. Aí Capstang, que simpatizara com Giséllе, se manifesta. Seu aparte enfurece os presentes, que o querem prender como espião do rei. Capstang usa um expediente: diz que se êle não sair dentro de alguns minutos, todos serão presos, pois seus homens cercam o Castelo. O expediente é aproveitado para êle falar com Giséllе, que está presente. Giséllе, entretanto, certa de que Capstang é um esbirro do rei, não lhe quer dar atenção e aí termina o incidente. Mas a sorte estava com Capstang, que daí vai a presença do Marechal D'Ancre. Descobre-se que êste desejava possuir Giselle, por quem está apaixonado e que o autor da tentativa de sequestro de Giséllе fôra êle. O Marechal quer mandar prendê-lo, mas sua espôsa ciumenta impede-o e tenta fazer do rapaz um espião contra d'Angoulême e sua gente. Capstang não aceita, sendo obrigado a evadir-se do palácio, depois de bater-se com tôda a guarda. No dia seguinte um incidente feliz o põe frente a frente com o pequeno rei. Capstang tem oportunidade de fazer respeitar a autoridade por um dos protegidos do Marechal D'Ancre. Luís XIII simpatiza-se com o rapaz e passa a recebê-lo até que outro capricho do destino o afasta do palácio, onde vinha convivendo com o pequeno coroado dando-lhe assistência. Há uma festa, durante a qual a espôsa do Marechal D'Ancre, com a cumplicidade da rainha-mãe, pretende envenenar o rei. Efetivamente, deitam veneno à sua água. Mas não conseguem o seu intento. O rei, entretanto, faz-se de morto. O Marechal e os outros inimigos da coroa começam os preparativos para o enterramento, mas sùbitamente o rei se levanta e diz que não está morto. Deseja saber imediatamente quem queria envenená-lo. As circunstâncias indicam que o envenenador seria Capstang. O rei ordena a sua prisão e morte. Capstang tem, mais uma vez, que lutar com os esbirros





a cena Musical

por Cla-ri-bal-te Pas-sos

REAPARECIMENTO DE MAGDALENA TAGLIAFERRO


Magdalena Tagliaferro

EM memorável concêrto promovido pela "Orquestra Sinfônica Brasileira" no Teatro Municipal, em data de 19 de julho, reapareceu-nos a insigne "virtuose" do teclado MAGDALENA TAGLIAFERRO. Executou, essa pianista brasileira, o belo "Concêrto nº 1 em ré menor, opus 15" de Johannes Brahms, para piano e orquestra, sob a regência de IGOR MARKEVITCH. Desde o primeiro movimento — de trágicas nuances — rico em aspectos da mais arraigada dramaticidade, logo observamos os excepcionais recursos de mecânica do instrumento, demonstrados pela intérprete patrícia. Magdalena Tagliaferro impôs atenção ao numeroso público, encantando a todos pela limpidez do fraseado, e dando nível de superior relêvo aos densenhos sonoros eivados da mais bela musicalidade. Já no início dêsse tempo do concêrto, quando intervém o piano como solista com o romântico lirismo do 2º tema, bem diverso do 1º pelo caráter e expressão, constatamos mais apreciável domínio técnico por parte da executante. Há muitos anos não ouviamos essa artista dentro das suas verdadeiras possibilidades, desde àquela ocasião, em 1949, quando deu dois recitais Chopin no mesmo teatro. Não apenas a sensibilidade, mas uma energia admirável, um magestoso sentido espiritual estêve norteando a primorosa execução dessa obra de Johannes Brahms. O 2º movimento — "Adágio em Ré Maior" — essa mostra interpretativa mais se acentuou, justamente aqui, onde a beleza melódica assume proporções inestimáveis a ponto de ocupar lugar execional em tôda a literatura sinfônica do gênero a "virtuose" nacional dispensou tratamento condigno ao texto e nos ofereceu instantes de indelével prazer espiritual! Notamos, fàcilmente, o próprio entusiasmo do maestro russo Igor Markevitch que dirigia a OSB. Finalmente, no 3º e último tempo — "o "Rondó" — cujo tema principal é desenvolvido pelo piano e imediatamente seguido por tôda a massa orquestral, Magdalena Tagliaferro atingiu os seus melhores instantes em todo o decorrer do concêrto. Penetrou mais fundamente no conteúdo musical, arrebatando o auditório pela impetuosidade, expressão melódica, além de um filigranado de categoria que não podiamos desejar melhor. A direção artística da "Orquestra Sinfônica Brasileira" bem poderia repetir, êste ano, espetáculos dessa classe para o quadro de associados. E assim nos expressamos, porque, no curso da atual temporada êste foi, sem dúvida, o mais notável empreendimento dessa organização. No entanto, esperamos usufruir idênticos momentos, futuramente, já que o maestro Eleazar de Carvalho anunciou nomes famosos do teclado e da batuta ainda por virem ao Brasil em 1952 a fim de atuar com a gloriosa OSB. Aliás, embora melhorando dia a dia, qualitativamente, a Orquestra Sinfônica Brasileira precisa saber escolher os chefes de orquestra do Velho Mundo para não decepcionar a crítica e o público, caso típico do sr. Jean Giardino, regente francês que aqui atuou.

C.P.

NOTICIÁRIO

TEMPORADA MUSICAL DA A.B.I.

● No curso do mês de agôsto entrante, o Departamento de Atividades Culturais da Associação Brasileira de Imprensa, levará a efeito, no Salão "Oscar Guanabarino" os seguintes concertos: — "Valores novos juvenis", Maria Regina Andrada Corrêa, pianista, dará concêrto dia 8. Em data de 13 de agôsto exibir-se-ão, respectivamente, a pianista Maria José M. Carvalho e o cantor José Ribamar Belo Martins. E finalmente, a 22, na série "Valores novos", Marise Bevilacqua Guimarães.

CULTURA ARTÍSTICA DO RIO DE JANEIRO

● Prosseguindo na realização da Temporada de 1952, a Cultura Artística do Rio de Janeiro levou a efeito, em data de 23 de julho, no Teatro Municipal, um recital do eminente violinista Henryk Szeryng. Oportunamente, comentaremos êsse concêrto nesta seção.

OLGA PRAGUER COELHO

● Olga Praguer Coelho violinista e cantora das melhores que possuímos, no seu gênero, exibiu-se, há poucos dias, no Teatro Municipal. Não é preciso assinalar com vasta adjetivação, o grande êxito dessa intérprete, pois o numeroso público que ali estêve a fim de aplaudi-la é o melhor dos pronunciamentos a êsse respeito.

TEMPORADA LÍRICA INTERNACIONAL

● Está despertando a mais viva curiosidade por parte dos aficionados do gênero lírico, a próxima récita inaugural da Temporada Lírica Internacional, do nosso principal teatro, sob os auspícios da Comissão Artística e Cultural. Nomes de evidência no mundo internacional como Renata Tebaldi e Maria Caniglia, além da novata Victoria de Los Angeles, estão integrando o grande elenco já anunciado.

CORRESPONDÊNCIA

● Tôda a correspondência destinada a essa seção, deve ser remetida a Claribalte Passos, "Cena Muda", à rua Visconde de Maranguape, 15, Rio de Janeiro — Distrito Federal.

AMARALINA

(O famoso tônico capilar descoberto e industrializado na Bahia)

JÁ SE ENCONTRA À VENDA EM TÔDAS AS FARMÁCIAS, DROGARIAS E PERFUMARIAS. SE, ENTRETANTO, NÃO EXISTE NA SUA CIDADE, NÃO PERCA TEMPO PEDINDO IMEDIATAMENTE PELO REEMBÔLSO POSTAL

O PREÇO DE "*AMARALINA*" É, EM QUALQUER PARTE DO BRASIL, DE CR$ 35,00 E PELO REEMBÔLSO POSTAL CUSTA CR$ 45,00, LIVRE DE PORTE.

"*AMARALINA*", CERTEZA ABSOLUTA DE QUE OS CABELOS TORNARÃO A NASCER. NA PARALISAÇÃO DA QUEDA DE CABELOS É FRANCAMENTE EXTRAORDINÁRIO ÊSTE PRODUTO DESCOBERTO POR BRASILEIRO E FABRICADO COM ERVA NACIONAL. CENTENAS DE PESSOAS ATESTAM SUAS NUNCA IGUALADAS QUALIDADES.

Pedidos a **M. M. BURLE & CIA. LTDA.**

AVENIDA RIO BRANCO, 137 — SALA 616.

OS PEDIDOS PARA O DISTRITO FEDERAL DEVERÃO SER DADOS PELOS TELEFONES: 32-9415 e 32-9309

QUER SER ESCRITOR?

Inscreva-se no CURSO DE LITERATURA, ESTILÍSTICA E PORTUGUES por correspondência, sob a direção de RENATO DE ALENCAR — Cartas para: Av. Rio Branco, 117 — sala 305, para remessa do programa e bases do Curso.

MUNDO FONOGRÁFICO



O novo TRIO DE OURO

● Estampamos, hoje, com satisfação, o clichê do novo e homogêneo "Trio de Ouro" reorganizado pelo compositor e incansável batalhador da nossa música popular HERIVELTO MARTINS. São seus companheiros de gloriosa labuta artística e radiofônica, a estrêla LOURDINHA BITTENCOURT, e o simpático RAUL SAMPAIO. Acaba de sair o primeiro disco do Trio de Ouro, constituído pelo samba "Ave Maria no Morro" de Herivelto Martins, e "Se a Saudade Falasse", bolero, do mesmo autor. Já tivemos ocasião de ouvir ambas as gravações, em etiquêta da RCA "Victor", e apreciamos sinceramente a notável "performance" artística. Aconselhamos êsse esplêndido disco a todos os aficionados.

PARADA DE SUCESSOS

● Na ordem do dia, ou na preferência dos aficionados, são as seguintes as gravações de absoluto sucesso nos programas de rádio e nas casas do ramo:

— CONTINENTAL: "Jezebel" com Jorge Goulart, em versão de Caribé da Rocha.

— M.G.M.: "At Sundown" (No Crepúsculo), com o Trio Frank Petty, melodia da autoria de Donaldson.

— SINTER: "Meu coração é seu", versão brasileira gravada por Zezé Gonzaga, da melodia de Richard Rodgers "With A Song In My Heart".

— ODEON: "Baião Caçula", melodia de Mário Genari Filho, em execução do autor, do violonista Garôto, e na interpretação da cantora paulista Hebe Camargo.

SINTER: — "Coimbra" fado-bolero de Raul Ferrão e José Galhardo, na interpretação de Ester de Abreu, cuja venda já ultrapassou a casa dos 40.000 (quarenta mil discos) vendidos.

— VICTOR: "Vergonha", samba de Jair Amorim, na voz de Carlos Galhardo.

INTÉRPRETES DO NORDESTE

● Na emissora nordestina ZYK-22, de Caruaru, Estado de Pernambuco vem conquistando assinalada evidência a jovem intérprete de melodias populares ERONILDA GOMES. Considerada a "Rainha do Baião", no setor radiofônico do Agreste, essa artista tem à frente futuro promissor. "Cena Muda" felicita os responsáveis pela Rádio Difusora de Caruaru, através de sua seção "Mundo Fonográfico", e faz votos de que possa continuar repetindo constantes êxitos.



ERONILDA GOMES

SÔBRE UMA CARREIRA ARTÍSTICA

ZEZÉ GONZAGA



O fã das hertzianas, ou da fonografia, já considera hoje familiar o nome da intérprete ZEZÉ GONZAGA estrêla do prestigioso "cast" da Rádio Nacional. Portanto, torna-se desnecessário fazermos nesta crônica uma apresentação de uma grande artista que não lhes é desconhecida. No entanto, chamamos-lhes a atenção para a sua vertiginosa carreira no ambiente radiofônico brasileiro e, sobretudo, quanto aos seus excepcionais triunfos em gravações. Jovem ainda Zezé Gonzaga tem vencido ùnicamente através do seu indiscutível valor pessoal, embora muito árdua tenha sido a sua peregrinação no âmbito da labuta profissional a fim de conquistar a fama. E' preciso analisar, no ensejo, a dificuldade que encontra o iniciante da radiofonia para obter o seu lugar ao sol apenas por intermédio dos seus próprios recursos artísticos. E assim nos expressamos, nesta oportunidade, a julgar pelas nossas observações durante longos anos no meio do rádio carioca, onde a politicagem e o "filhotismo" têm primazia em detrimento do quilate superior dessas realizações de caráter artístico, ou estritamente administrativo! E' um prazer, por isso mesmo, verificar o sucesso ascendente dessa cantora apesar dos obstáculos. Há cêrca de ano e meio, quando surgiu entre nós a encantadora melodia "The Song Of Delilah" do maestro e compositor Victor Young, — por ocasião do lançamento da película cinematográfica de idêntico título — a fábrica "Sinter" tomou a iniciativa de levar à cêra essa composição. Gravou-a, incontinenti, Zezé Gonzaga com uma interessante letra em português do novelista Clímaco César. Na mesma época, também a "Continental" fêz gravar essa música na voz de Emilinha Borba, travando-se, então, o mais sensacional duelo da nossa fonografia. Não se tratava apenas de duas fábricas rivais, embora uma delas fôsse mais nova que a antagonista, mas havia a questão bem curiosa da rivalidade entre as intérpretes. Ambos os discos foram colocados no mercado e depois de um mês, incontestàvelmente, a preferência dos aficionados fôra dedicada quase unânimemente a Zezé Gonzaga. Uma vendagem de discos absolutamente excepcional, levando-se em consideração de ser nova a cantora e ter a fábrica menos de três anos de atividade, ratificou o lado justo dêsse sucesso comercial e artístico. Aí começou, então, o caminho da glória para essa artista. Veio, após, a versão de "Make Believe" (Faz de Conta) também de autoria de Clímaco César que, não conseguindo a mesma evidência da gravação anterior, pelo menos conservou o prestígio de sua criadora. Nos programas de auditório da PRE-8, ou em excursões fora do Distrito Federal, Zezé granjeou avultado número de admiradores. O recente êxito de "Meu coração é seu", versão de Richard Rodgers "With A Song In My Heart", firmou, definitivamente, o nome dessa estrêla do microfone carioca. No concurso instituido por Jair Amorim na Rádio Clube do Brasil, em seu vitorioso programa "Discos na Vitrine", solicitando opinião dos ouvintes em tôrno da letra de "Meu coração é seu" e da interpretação de Zezé Gonzaga, veio atestar a simpatia que lhe devota essa legião de fãs. Do Distrito Federal e outros Estados, as cartas recebidas foram inúmeras, além dos telefonemas. Analisando tantas conquistas é que formulamos os nossos ardentes votos de futuro ainda mais promissor.

C.P.

NOTÍCIAS DIVERSAS

● Já se encontra à venda o primeiro disco gravado em Londres, Inglaterra, pela cantora patrícia Dalva de Oliveira, com o concurso de Roberto Inglês e sua orquestra. Trata-se do baião "Kalu", de Humberto Teixeira, e do samba-canção de Ataúlfo Alves, "Fim de Comédia".

● Está agradando plenamente o disco "No Crepúsculo", melodia de Donaldson, em etiquêta "Star" pelo citarista Avena de Castro.

● A RCA "Victor" lançará, nos primeiros dias de setembro vindouro, nada menos de 15 discos em "long Playing" de 45 rpm, incluindo os dois maiores sucessos dos artistas de seu prestigioso "cast" fonográfico.

● Visitamos outro dia, a convite do brasileiro Ernesto de Matos, ótimo amigo e perfeito diplomata, as instalações da "Victor" e mantendo demorada palestra com o atual diretor artístico daquela gravadora.

● Dentro de mais uns dois meses, deverá estar concluido o primeiro dos moderníssimos estúdios de gravações, presentemente em fase de adiantada construção, que as fábricas "Sinter" e "Star" vão oferecer aos amantes da fonografia de todo o Brasil.

GRANADO
ÁGUA INGLÊSA GRANADO
Faz de você um forte!
TÔNICA-APERITIVA
NAS CONVALESCENÇAS

SÓ *a mulher* PECA?

O nome dêsse filme da **RKO** não traz a interrogação. O ponto da pergunta é nosso. E estamos certos de que os leitores (especialmente as leitoras...) hão de responder categòricamente: Não! Com efeito, nem só a mulher peca. O homem também; todos somos pecadores irremissíveis por culpa da cobra, da maçã, de Adão e Eva. Mas não pensem que o filme "Só a Mulher peca" (Clash by Night), procura provocar discussões entre êles e elas. Nada disso. A história é deliciosa e muito divertida. Para suprema felicidade dos fãs, veremos uma "cara-nova" (e que cara!) a linda Marilyn Monroe, uma segunda edição melhorada da inesquecível Jean Harlow. Essa Marilyn é portadora do mais perturbador "sex-appeal", uma garôta sincera. Certa vez ela teve que posar despida para um calendário. Um jornalista a entrevistou sôbre o caso e ela respondeu: "Naquele tempo ninguém queria saber de mim. Eu estava com fome, e quando me perguntaram se eu queria posar em vestes de Eva, não hesitei. Afinal não é vergonha nenhuma usar o que é meu. Ou é?" A resposta de miss Monroe teve enorme repercussão. Marilyn Monroe tem 23 anos de idade, é loura e de uma simpatia deliciosa. Sua estréia no cinema foi muito feliz, não sòmente porque aparecerá ao lado de grandes astros e estrêlas de primeira grandeza, com Bárbara Stanwyck, como porque será dirigida pelo famoso Fritz Lang, veterano diretor do cinema alemão, cujo nome está ligado a tantos triunfos na larga estrada da cinematografia. Menina de sorte, essa Marilyn Monroe!



Marilyn Monroe, numa seqüência do filme «Só a Mulher peca», da **RKO**



Ela e êle, Keith Andes, seu namorado no filme. O rapaz está com tudo...



Bárbara Stanwyck, estrêla de muitos méritos, e que aparece com miss Monroe



Santo Deus! Quanto dinheiro. E tudo em troca de um embrulho de ossos para o cachorro!

A RKO RÁDIO FILMS APRESENTA

"TEMIDO E DESEJADO"

(BEHAVE YOURSEFF)

Filme da RKO-Radio Filmes ★ Direção de GEORGE BECK.

E L E N C O :

FARLEY GRANGER (Bill)
SHELLEY WINTERS (Kate)
WILLIAM DEMAREST (O'Ryan)
FRANCIS L. SULLIVAN (Fat Fred)
MARGALO GILMORE (Mãe de Kate)
LON CHANEY (Pinky)
HANS CONRIED (Gillie)
ELISHA COOK JR. (Jonas)
GLENN ANDERS (Starn)
ALLEN JENKINS (1.º Detective)
SHELDON LEONARD (Bert)
MARVIN KAPLAN (Max)
e o cachorrinho ARCHIE

S I N O P S E :

AS vêzes, um belo exemplar da raça canina, ainda que de aspecto inofensivo e até simpático, encerra a chave de cogitações do alto mundo do crime... E isso é o que se dava com Archie, um bonito "terrier", decerto muito dado a afabilidades, mas atrás do qual se agitavam negras maquinações. Deixado pelo emissário de dois "gangsters", Bert (Sheldon Leonard) e Max (Marvin Kaplan), em certo depósito público de bagagens, para ser procurado por um misterioso Jonas, é êle levado até a uma cabine telefônica, onde quem o conduz se põe em contato com um grupo de personagens suspeitos, comunicando o fato e pedindo instruções. Mas um cachorro é sempre um cachorro... E, assim, Archie não resiste ao carinho súbito que lhe inspira um desconhecido, Bill Denny (Farley Granger), que, na cabine vizinha, falava com sua adorável mulherzinha, Kate (Shelley Winters), enquanto mastigava um chocolate ou algo parecido, petisco êsse de que o bichinho ganha as sobras. E, porque talvez visse mais futuro num caminho honesto, resolve o cão abandonar o malfeitor que estava ao telefone e seguir no encalço de Bill. Êste acabara de ser amorosamente surpreendido por Kate que, insuflada pela mãe (Margalo Gilmore), não admite ter êle esquecido o segundo aniversário do seu casamento, que justamente transcorre naquele dia. E' preciso comprar algo para a espôsa. E o jovem homem de negócios se dirige a uma "magazin" chique, escolhe um vestido, vai pagá-lo, quando Archie, que sorrateiramente entrara na loja, derruba um manequim, quebrando um dos mostruários. Resultado: muita discussão, o dinheiro da compra mal dá para indenizar o prejuízo, e o nosso amigo sai furioso, sem saber como se explicar em casa. Mas quis o destino que não fôsse preciso nenhuma explicação... Mal a porta do seu lar se abre, e Kate e a mãe aparecem, ansiosas, à espera do presente que não veio, Archie irrompe em cena, fagueiramente. A moça julga, então, ser aquela a "lembrança" do marido, que não desmente essa suposição. Ela cobre de beijos o cãozinho, que logo se mostra muito terno e à vontade na sua nova família. E, mais tarde, quando o encantador casal, comemorando a data e procurando não fazer muito barulho para não perturbar a irascível mãe de Kate, sobe



Êste cachorrinho veio atrapalhar tôda a vida de Bill: mas sua mulherzinha o adorava! (Ao cão, é claro)

para seus aposentos, levando uma garrafa de champanha, Archie insiste em tomar parte na festa, para desespêro de Bill. Então, querendo livrar-se de tal intruso, êle procura ver, pela manhã seguinte, se não há algum anúncio a respeito de um cachorro desaparecido. Há, e fôra pôsto no jornal pelo "gangster" Jonas, a quem Bill telefona, escondido de Kate, para que ela não descubra a sua involuntária mentira. Julgando tratar com gente direito, lá se vai o rapaz para casa de Jonas. Êste, porém, já fôra assassinado por um outro bandido, Gillie (Hans Conried), que, entretanto, o recebe como se fôra Jonas e procura logo despachá-lo, para telefonar à polícia, avisando do crime. Antes de fugir, Gillie pega o cartão de visitas dado por Bill, e o coloca sôbre o cadáver. Em conseqüência, Bill é detido ao chegar atrasado para o jantar, frente à espôsa e à sogra, a qual não perde a oportunidade de dizer que o acha capaz de matar qualquer um... Uma vez sôlto, o jovem continua a procurar quem perdeu um cão. E isso era o que queria o "rei dos gangsters" Fat Fred (Francis L. Sullivan), que sabe ser Archie um elemento precioso para sua ação. Indo ao luxuoso apartamento indicado no novo anúncio, Bill encontra ali um outro cadáver: o de Gillie, que êle julgava ser Jonas e que fôra abatido por terceiros. E' de endoidecer, a situação! E Bill, que não consegue compreender como um homem pode morrer duas vêzes (pois Gillie era Jonas para êle, e êsse a polícia dera como morto), sai alucinado, a correr, sem rumo, seguido sempre pelo infalível Archie. Em casa, já noit ealta, o que o espera é a incompreensão de Kate, a quem êle não pode contar nada do fato — devido à sua mentira inicial e ao afeto que ela vota ao cachorro — e o azedume da sogra, que o julga bêbedo... Serenados os ânimos, indo todos dormir, Bill tenta lançar porta afora Archie, seduzindo-o com uma costeleta de carneiro. Mas êste é que acaba por lhe fechar a entrada de serviço, deixando-o na rua, o que chama a atenção do policial ali de ronda... Dois outros membros da "gang" localizam Archie, quando a passeio com Kate, no dia seguinte, julgando que ela faz parte da quadrilha. E isso é que ocorre sùbitamente a Bill, quando, na polícia, em meio a muita complicação, consegue explicar ao delegado como vira "Jonas" morto... A polícia suspeita já da sua sanidade mental, mas, ao tentar êle ir à procura desesperada de Kate, que imagina em grave perigo, é acompanhado por vários policiais. E Kate, realmente, não voltara para casa, embora Archie ali chegue pouco depois. E' que o cão lhe fugira das mãos, enquanto um dos "gangsters", que a vigiava, lhe dá uma pasta cheia de dinheiro, aliás falso, em troca do embrulho de ossos que ela levava e que o bandido imaginou ser "aquilo" que o chefe queria... Como um louco, Bill resolve ir ao encontro do endereço de um terceiro anúncio sôbre o cão. A polícia o acompanha. E, lá, mais dois cadáveres os esperam... Bill torna à casa, esmagado pelos acontecimentos, mas aparentemente livre de Archie, que êle deixara em um estabelecimento de animais, rasgando o talão de identificação que lhe corresponde. Mas,



Está prêso! Você matou Jonas! Bill estava aturdido. Êle não seria capaz de matar uma formiga

qual! Pela noite, Archie é trazido de volta, pois o guardador não suportara os seus lamentos, e, depois, dois "gangsters" invadem sua casa, à procura "daquilo" que pensavam estar em poder de Kate. Bill procura explicar o engano que cometem. E o dinheiro que ela recebeu? — perguntam. Ah, êsse era falso, e fôra entregue à polícia. Falso? — indaga um dêles, surprêso. Então, o outro o ludibriara... E êste é logo morto ali mesmo. Aparece um terceiro, que Bill manda saltar pela janela, e se esborracha lá em baixo. O segundo também é liquidado por Bill. Quando a polícia chega, encontra Kate desmaiada, sua mãe em estado de letargia, Bill feito herói, embora mais espantado do que nunca, e aquela safra de cadáveres...

O presente de casamento! Kate estava encantada! Mas o jovem espôso em sérias aperturas



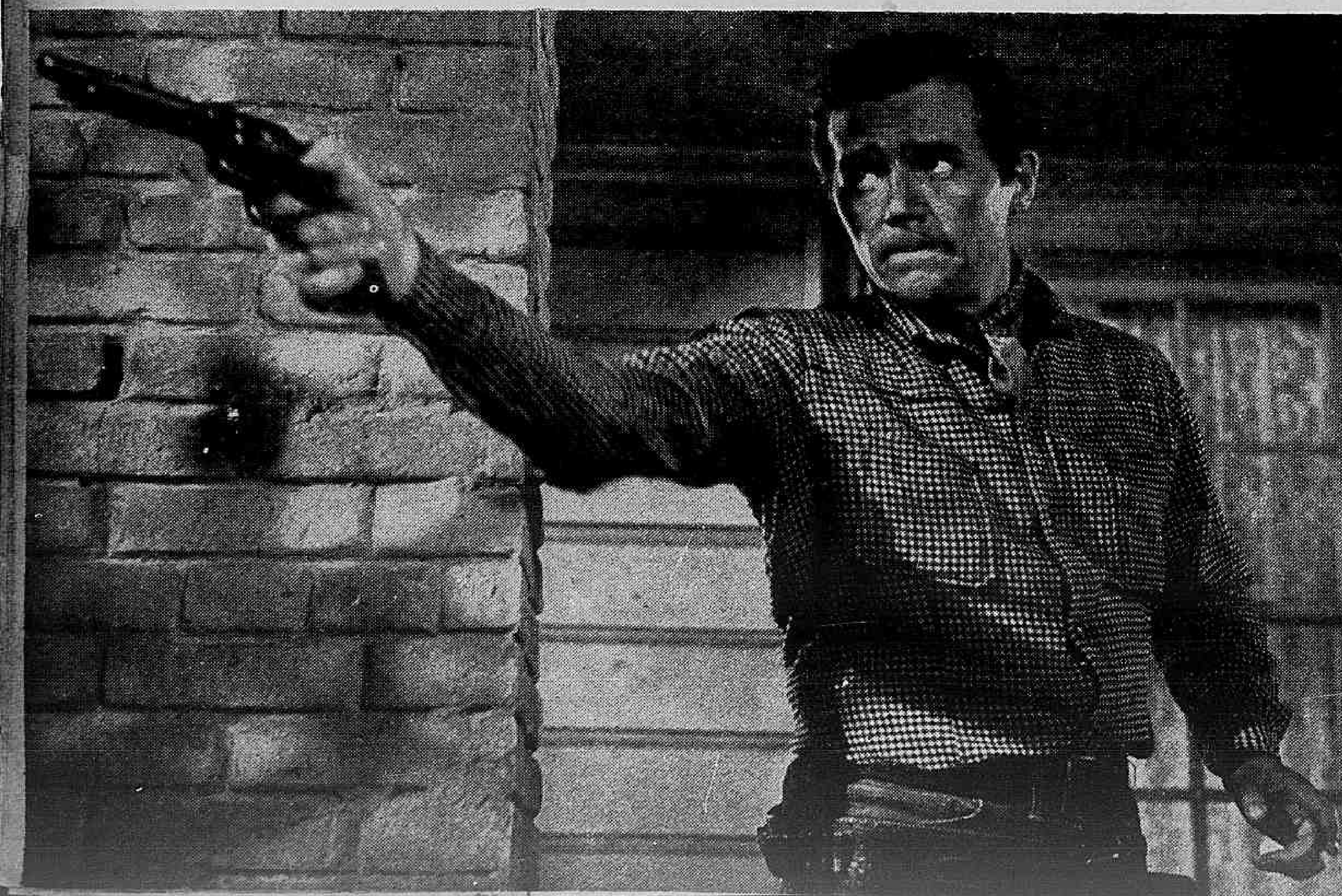




TEIMOSA E

Enfim, sós! Mesmo sôbre palhas de feno na mangedoura

Êle era bom na pontaria, especialmente na defesa do seu amor



(THE LADY FROM TEXAS)
Filme da Universal-Internationa', em tecnicolor
Direção de Joseph Pavney
ELENCO:

Dan Mason	HOWARD DUFF
Bonnie Lee	MONA FREEMAN
Miss Birdie	JOSEPHINE HULL
O Juiz Jeffers	GENE LOCKHART
Cyril Guthrie	CRAIG STEVENS
O sheriffe	JAY C. FLIPPEN
Dave Blodgett	ED BEGLEY

A HISTÓRIA

DAN Mason (Howard Duff), um vaqueiro que por causa de seu caráter independente acaba sempre brigando com seus patrões, vai ao rancho de Dave Blodgett (Ed Begley) à procura de trabalho. O fazendeiro o contrata apesar de seu genro Cyril Guthrie (Craig Stevens), que é o capataz da fazenda, parecer não simpatizar com Dan. Cyril e a filha de Blodgett (Bárbara Knudson), são os que na realidade dirigem a fazenda a seu gôsto. Entre as ambições do casal, figura a de apoderar-se do rancho de Miss Bardie (Josephine Hull), uma anciã que todos têm por louca, para vendê-lo a uma emprêsa ferroviária que projeta fazer passar os trens por aquêles terrenos. Bonnie Lee (Mona Freeman), a linda cozinheira da fazenda dos Blod-



Agora, filhos, estão amarradinhos para a vida inteira

E VALENTE

gett que ajuda a velhinha, conhecedora dos malévolos projetos de Cyril, traça um plano para arrazá-los. O que Miss Birdie necessita é de uma pessoa inteligente e decidida que possa protegê-la e para isso nada melhor do que Dan Mason.

Bonnie que já havia dado provas de simpatia a Dan, enamora-se dêle e se declara para espanto do vaqueiro, o qual não obstante gostar da moça, suspeita de algo e trata de não se comprometer. Vendo que desta forma não será fácil conseguir vencer a resistência de Dan para levá-lo pelo caminho que ela deseja, a jovem arranja as coisas de maneira que surja uma briga entre Cyril e Dan, que naturalmente acaba em sôcos e com a renúncia do vaqueiro a seu emprêgo. Dan se despede zangado com Bonnie, pois descobriu que tudo se passou por culpa dela.

A pouca distância da fazenda, Dan se encontra com José (Chrispin Martin), o velho criado de Miss Birdie, o qual instruído por Bonnie, o informa de que na fazenda precisavam de um vaqueiro. A velha o contrata e Dan se encontra num rancho onde existem: uma vaca, um burro, dois leitões, três galinhas, e uma gambá. Miss Birdie em sua debilidade mental fala com os animais como se fôssem pessoas e está convencida de que seu marido o "general", que foi à guerra civil com os exércitos de Abraham Lincoln, voltará algum dia. Entre suas mais preciosas recordações encontra-se uma carta de Lincoln na qual dá notícias de seu marido. Dan em vista do panorama pretende ir embora, mas Bonnie, que tinha abandonado o rancho dos Blodgett para ir viver com a anciã, consegue convencê-lo de que esta necessita de sua ajuda.

Cyril contrata um famoso advogado trapaceiro para encontrar a maneira de usurpar da velha sua fazenda. O plano consiste em fazer com que um tribunal a declare incapacitada e nomeie Cyril e sua espôsa tutores de Miss Birdie para que êles manejem seus negócios. O advogado e seu cliente fazem uma visita ao rancho da louca para explorar o terreno e esta lhes diz que nada poderá fazer até que o "general" volte. Ao falar-lhes da carta de Lincoln, êstes pedem que a mostre, mas a chegada de Dan os deixa desconcertados. No dia seguinte, um dos homens de Cyril provoca um incêndio e enquanto Dan o persegue e os demais acodem para apagar o fogo, outro capanga do malvado Cyril rouba a carta de Lincoln.

Miss Birdie é solicitada para comparecer diante de um júri que decidirá se ela está no seu juízo perfeito, ou se cabe aceitar a "generosa" oferta de Cyril e espôsa de se encarregarem dela. Segundo a lei só podem ser tutores os casais registrados na comunidade e Dan e Bonnie correm a casar-se para estarem em situacão de pedir que êles sejam nomeados. Não obstante isto não teria sido necessário, (de tôdas as maneiras êles se teriam casado porque se amavam) pois quando o advogado de Cyril pede que seja lida a carta de Lincoln como demonstração da loucura da velha, que fala de seu marido como se ainda vivesse, esta a recita de memória declarando no final que os homens bons não devem morrer e por isso ela não se resigna em considerar morto seu espôso. O júri depois de escutar com profunda emoção suas palavras, a declara em seu juízo perfeito.

Agora senhores, bebamos à saúde e felicidade dos noivos



PECADORA IMACULADA

(Filme brasileiro)
Dirigido por Rafael Mancini

UMA PRODUÇÃO DA SACRA FILMES S. A.

ELENCO:

Padre André	**CATALANO**
Mário	**PAULO MAURÍCIO**
Véra	**JANE MARTINS**
Anastácio	**D'ANDRÉA NETTO**
Coronel Tibúrcio	**DUARTE DE MORAIS**
O advogado do Tribunal	**MÁRIO LAGO**
A irmão de caridade	**SUZY KIRBY**
Euzébia	**JACY DE OLIVEIRA**
Promotor do Tribunal	**RESTIER JUNIOR**
O Comissário	**JAIME MARINI**

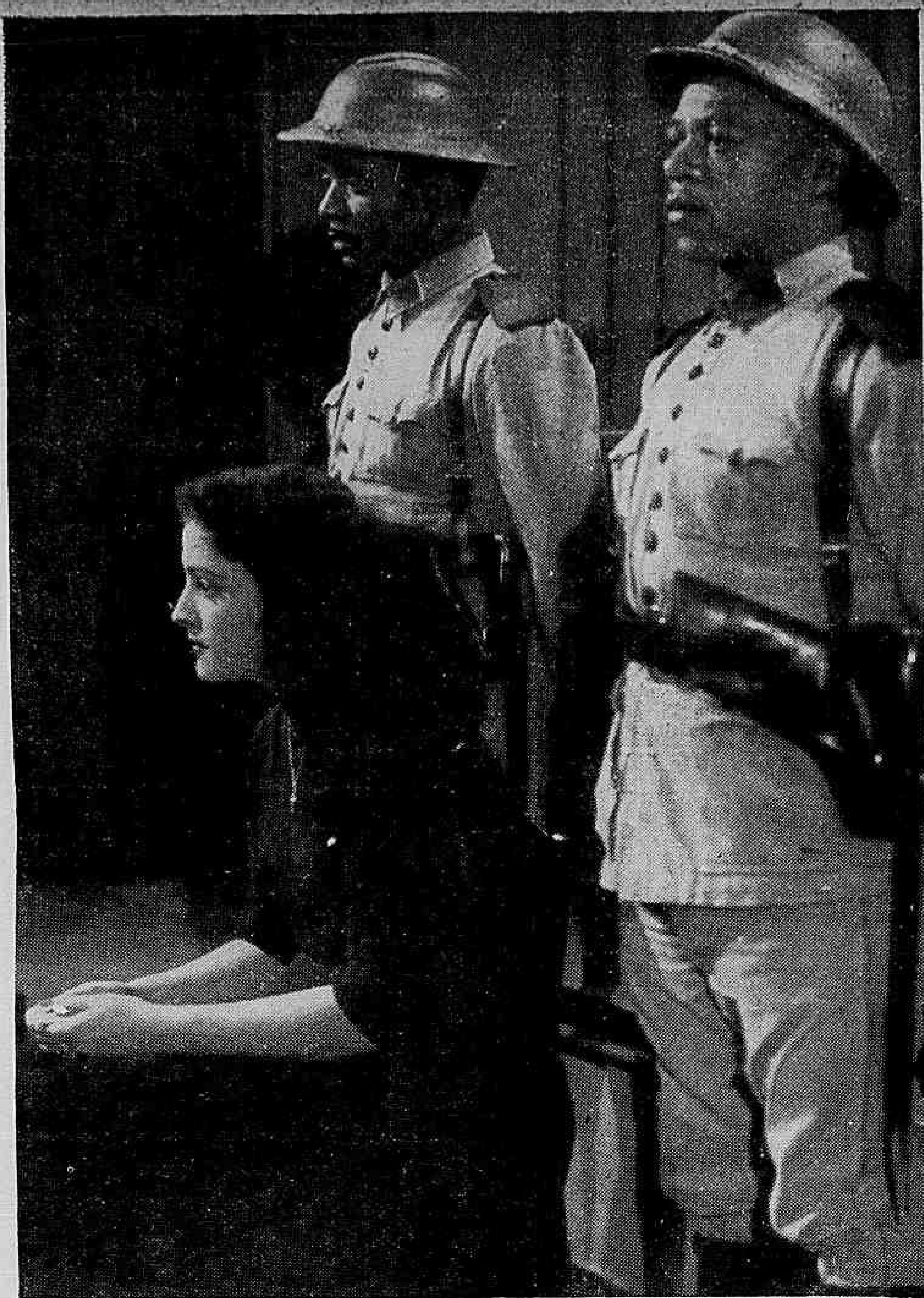
RESUMO DO ARGUMENTO

COM apenas três anos de idade, a jovem Vera (JANE MARTINS) ficara orfã de pai e mãe. Seu pai, que havia morrido antes da espôsa, confiou o destino de Vera às mãos de um seu amigo, jovem e rico fazendeiro conhecido pelo nome de Coronel Tibúrcio (DUARTE DE MORAIS). O Coronel internou a pequena num colégio de freiras, onde ela recebeu a mais esmerada instrução. Dali saiu moçoila, disposta a enfrentar a vida e os fados de seu destino.

Ao completar dezoito anos, Vera foi residir na fazenda de seu benfeitor, o Coronel Tibúrcio, o qual, logo que a viu crescida e em forma de uma bela mulher, propos-lhe casamento. Embora um tanto estupefata, contrafeita, na realidade, Vera atendeu à solicitação do Coronel Tibúrcio, pensando assim ser êsse um meio honesto, decente, de retribuir os cuidados que êle lhe havia dispensado desde que o pai morreu. O fato, entretanto, é que, após dias de despreocupação e prazer, ao ar livre sadio da fazenda do Coronel Tibúrcio, um futuro atribulado estava aguardando a jovem Vera...

Efetivamente, isso havia de suceder. Algum tempo depois de permanência na fazenda de seu benfeitor e futuro marido, Vera viu surgir inesperadamente em sua vida a figura de um belo jovem, Mário (PAULO MAURÍCIO), sobrinho do Coronel Tibúrcio que com êle vinha passar umas férias. O destino interpôs-se entre Vera e Mário, consentindo na realização de uma amizade ferrenha e num amor puro e verdadeiro. Um amor à primeira vista, que descoberto passou a ser visto com maus olhos pelo Coronel Tibúrcio. Vera correspondia ao amor de Mário, e apesar de seu compromisso de noivado não pôde fugir ao belo sonho que se aninhava em seu coração. Nascia, assim, um grande e proibido amor, entretanto...

Dêsse romance às escondidas já todos falavam na fazenda. O Coronel Tibúrcio ficou então dominado por um ciúme incontrolàvelmente doentio, a ponto de certa vez ordenar ao seu capataz, Anatácio, (D'ANDRÉA NETTO) que vigiasse interminàvelmente os passos da noiva com seu sobrinho. Dessa ordem resultou um desastre de péssimas e previsíveis conse-



Prêsa como assassina do fazendeiro, Vera (Jane Martins) é levada ao julgamento

Mataram o coronel Tibúrcio! Exclamou assombrada a pobre Vera, na noite de horror





O par amoroso do filme, Jane Martins e Paulo Maurício, honram o nosso cinema

qüências para a segurança de todos na calmaria da fazenda. O capataz Anastácio, rústico e perverso, dado sempre ao vício da bebida, logo sorriu pensando no prazer da sórdida tarefa de vigília. Há muito que êle, com diversos e inconfessáveis motivos, vinha, desde a chegada de Vera à fazenda, perseguindo-a à distância... As ordens do Coronel Tibúrcio, então, vinham realmente a propósito... Certa vez, após um dia de embriaguez completa, o crapuloso capataz foi surpreender Vera tomando banho nas águas plácidas do lago próximo à fazenda. Perseguiu-a ferozmente, tentando arrancar a pequena da água, a fôrça de um argumento falso e mal intencionado. Anastácio dizia a Vera, tentando inocentar-se, que o Coronel Tibúrcio havia mandado vigiar-lhe os passos com Mário.



Suceda o que suceder, Mário (Paulo Maurício), diz Vera, (Jane Martins) venceremos juntos

Os olhos da moça quedaram-se enfurecidos contra o capataz e, em piores condições contra o seu benfeitor, com quem, apesar de contrariada pelo fato de amar única e realmente à Mário, iria se casar... E da condição de futura noiva, Vera decidiu-se pelo que ela achou de melhor e necessàriamente indispensável à sua felicidade: o rompimento com o Coronel Tibúrcio. E isto foi feito, após séria altercação, presenciada pela empregada da casa, a preta velha Euzébia (JACY DE OLIVEIRA). Êsse desagradável fato jogou a ira do Coronel contra o capataz Anastácio, no qual aplicou dura surra de chicote. Anastácio, furioso contra os desmandos de seu patrão, prometeu vingar-se. Mário veio a ser sabedor de tôda a discussão que Vera havia tido com seu tio. Convencido de que fôra realmente, embora de u'a maneira indireta, o causador de todos os dissabores de Vera, o rapaz, contrariado em seu grande amor, resolveu fugir da fazenda. O que fêz, imediatamente, sem procurar se despedir de qualquer pessoa, nem mesmo de Vera. Isso aconteceu numa noite de chuva tempestuosa, quando havia chegado à estância o Padre André (CATALANO), vigário da paróquia e grande amigo do Cel. Tibúrcio. Quando, pé ante pé, de malas nas mãos, Mário procurava, altas horas da noite, a porta de saída, encontrou-se inesperadamente com Vera na sala de jantar. A jovem inteirada da súbita decisão de Mário, pediu-lhe clemência para o seu amor... Que não deixasse a fazenda, pois haveriam, ambos de encontrar uma solução de felicidade, sem brigas nem desagravos. Mas, o rapaz estava mesmo resolvido a não mais perturbar a tranqüilidade do lar onde sempre tivera cordial hospitalidade. Insistiu definitivamente em sua partida, no momento exato em que um ruído do quarto do Coronel levou-o a pular intempestivamente a janela da sala de jantar, deixando Vera, preocupada, escondida atrás de uma cortina. Nesse meio tempo, foi dado a moça ver consumado o prometido ato de vingança do capataz Anastácio contra Tibúrcio. Chegando à sala, o Coronel, de lanterna em punho, procurou averiguar de quem eram as vozes que ouvira do quarto. Súbito, viu avançar para êle um vulto de homem com uma faca na mão. O Coronel Tibúrcio, às vistas de Vera, escondida atrás da cortina, era então assassinado pelo seu capataz.

Assustada, Vera correu em direção ao corpo inânime de seu benfeitor, e, de joelhos, procurou inùtilmente reanimá-lo. Exatamente nesse momento, Padre André apareceu, trazido pelos gritos dentro da noite silenciosa, e, horrorizado, viu a moça com as mãos e as vestes tintas de sangue, debruçada e em lágrimas junto ao corpo do Coronel Tibúrcio, que havia sido apunhalado. A notícia dêsse fatal homicídio correu célere pela fazenda e suas imediações. A polícia compareceu imediatamente e começou o interrogatório das pessoas presentes. O Comissário (JAIME MARINI) inquiriu primeiramente a empregada Euzébia, que contou que na véspera do crime vira a jovem Vera discutir com o Coronel; o Padre André contou, o que vira na noite do homicídio. Arrolados êsses testemunhos, todos contra Vera, foi ela detida pela polícia, sendo, logo em seguida, pedida a captura de Mário, que, ainda na estação de embarque de trens, voltou para a fazenda escoltado e surprêso, na realidade, pelo rumo inesperado dos acontecimentos. Jurou êle à polícia que Vera não seria capaz de tão ultrajante ato. Procurou inocentá-la, inùtilmente. Tôdas as provas eram contra ela. Corria o julgamento do homicídio em caminho da barra do Tribunal local. Nesse interim, Padre André foi chamado com urgência a um hospital para atender a um enfêrmo gravemente ferido num acidente. O hospitalizado era Anastácio, o capataz. Vera iria

(Cont. na pág. 34)



Naquela noite, lá na fazenda do coronel Tibúrcio, uma tragédia se prenunciava...

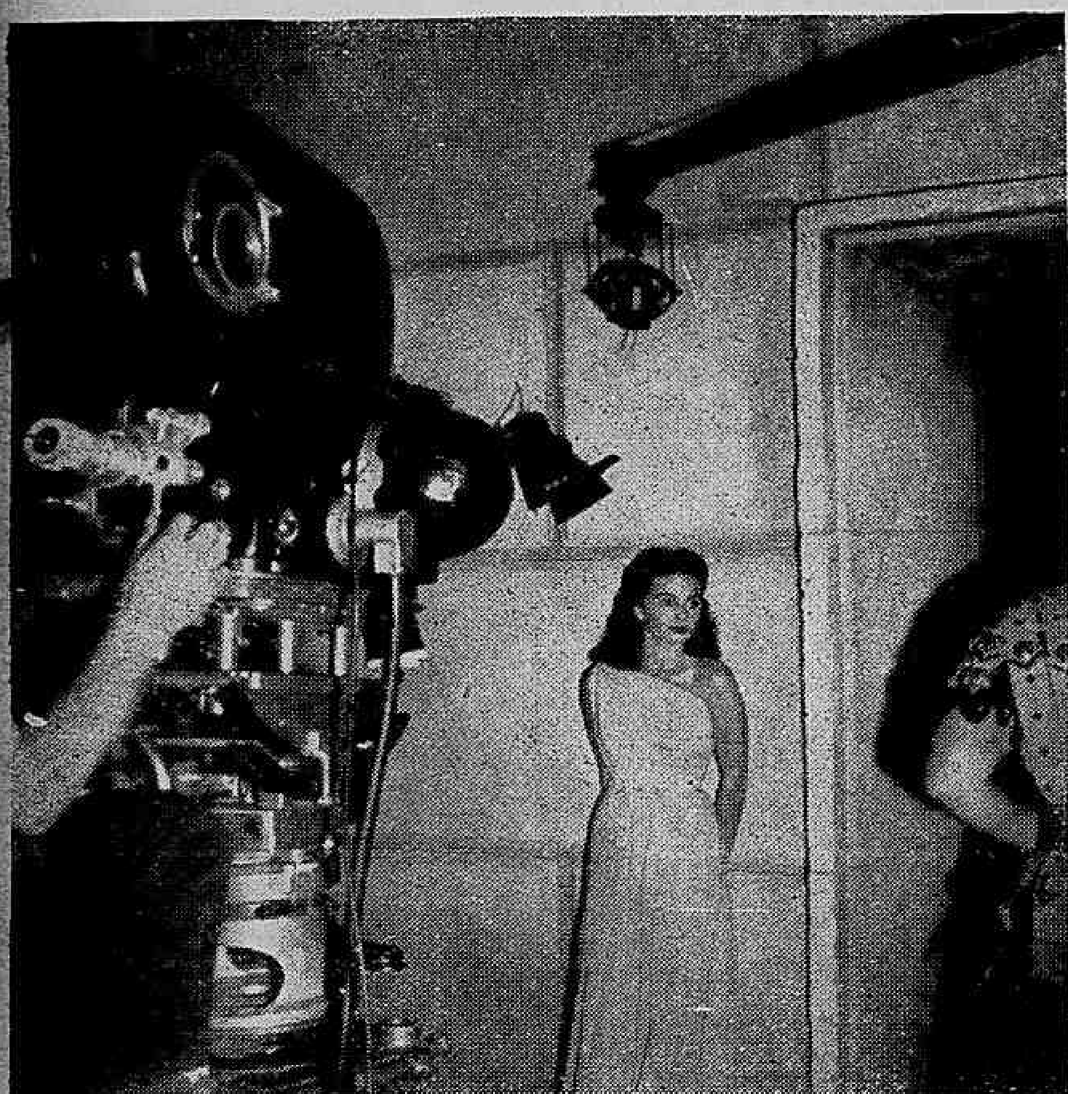


Quaisquer que sejam as conseqüências, Vera, eu estarei ao seu lado para defendê-la

ANDROCLES e O LEÃO



Jean Simmons, quando se preparava para entrar em cena



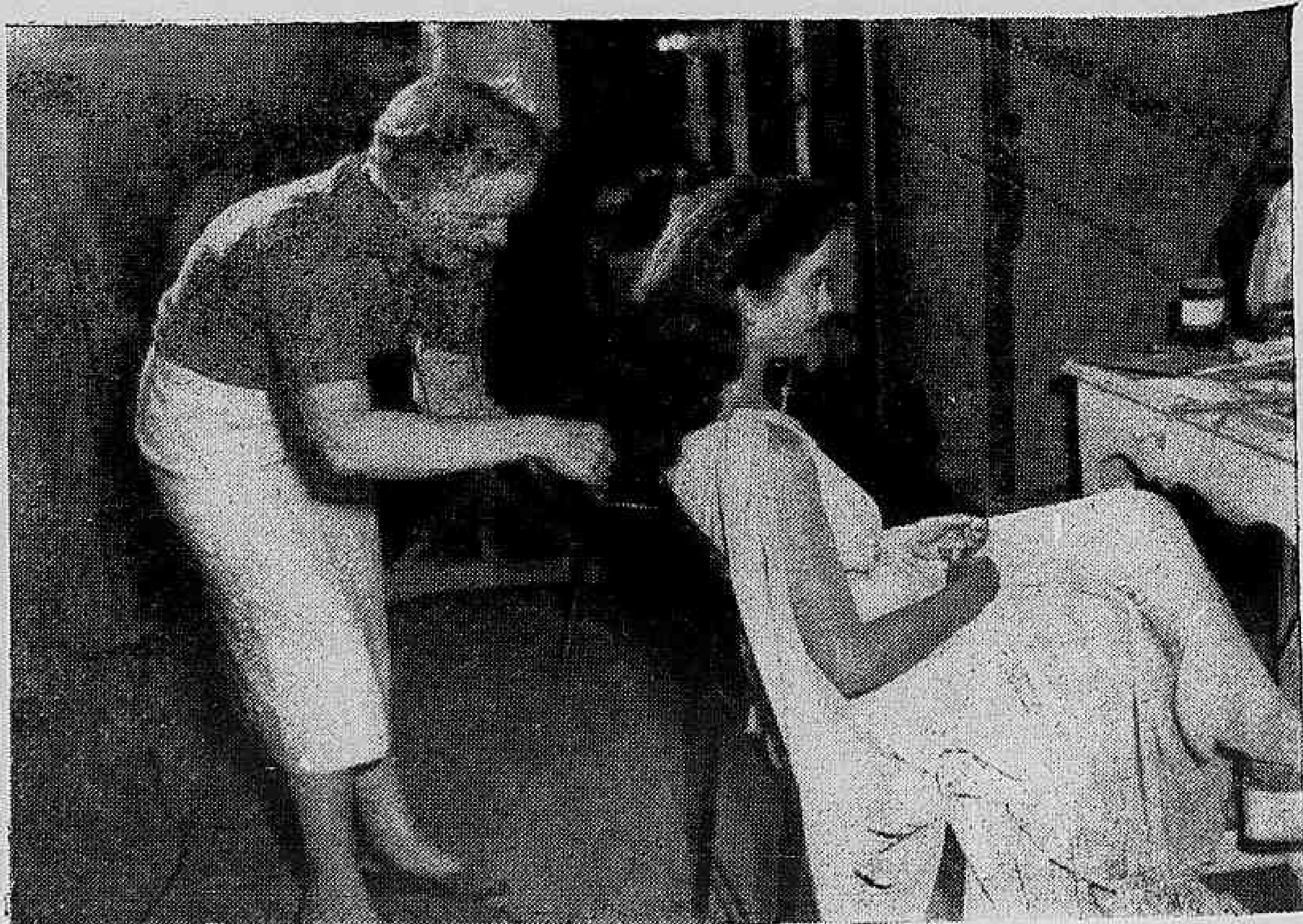
Diante de complicada máquina filmadora

BERNARD Shaw concedeu a Gabriel Pascal o direito de filmar suas obras, tendo recusado propostas de muitos outros produtores, tanto da Inglaterra, como dos Estados Unidos. Por êsse motivo já vimos "Pigmalião" e "César e Cleopatra", extraídos da produção literária do imortal humorista. Pascal acaba de terminar "Androcles e o Leão", que é uma das mais deliciosas farsas do cinema, baseada num dos livros de Shaw. O produtor foi a Hollywood a fim de executar a filmagem, entregando a produção à RKO para a respectiva distribuição no mercado cinematográfico. O elenco é dos melhores, e tudo faz crer que o novo filme de Pascal, inspirado nas obras de Bernard Shaw, tenha o êxito dos anteriores da mesma origem. No "cast" vemos a encantadora Jean Simmons interpretando o papel de Lavínia, a heroína cristã; Alan Young, Victor Mature, no papel de capitão romano, Mauricio Evans, como César do filme, além de outros. Foram tais os resultados obtidos com os filmes de Pascal sôbre obras literárias de Shaw, que o produtor já está pensando em levar às câmaras mais um dêsses, intitulado "O Discípulo do Diabo", cujo ação transcorre no ambiente da revolução americana. Todos os técnicos e artistas que visitam os "sets" de "Androcles e o Leão", ficam deslumbrados com a montagem dos mesmos. Mais uma vez a Sétima Arte tem que recorrer à Literatura, às Belas Letras, a fim de conseguir filmes que mereçam o nome de obras-primas da cinematografia e da técnica.

A linda estrêla Simmons, consulta o argumento



No seu camarim, Jean Simmons termina o penteado



Madeleine Robinson PASSOU FOME!

Por CHARLES DE LA REVIÈRE

Paris — Julho, 1952.

A primeira coisa que notamos, ao conversarmos com Madeleine Robinson, é o amor que tem pela sua carreira. Ela encara com um carinho todo especial o "métier" de artista, e raras são as "estrêlas" que levam esta paixão até o paroxismo, como a "Marie" de "Rebento Selvagem". Nasceu em Paris, chama-se na realidade Madeleine Swoboda e é filha de tchecos há muito radicados na Cidade Luz. Ela mesma conta que tinha apenas 15 anos quando entrou para o curso de Charles Dullin. E até hoje fala com o mesmo fervor que a animava então.

— "Errante vários anos" — diz ela — "com a equipe do "l'Atelier", que compreendia Jean-Louis Barrault, Jean Marais, Alain Cuny, Jany Holt, nós vivemos a existência apaixonante do teatro na intimidade intelectual de um homem como Dullin, que era o "teatro". Essa formação não me permitiu apenas aprender o meu "metier", mas também fêz-me conhecer a atmosfera do teatro, atmosfera tão grata a nós todos, artistas. O interessante é que nos primeiros anos, eu não tive nenhum papel, mas aprendi-os todos os do repertório, inclusive os masculinos".

— "E como fêz para sustentar-se?" — perguntamos.

— "Bem, como era necessário viver" — Madeleine sorriu maliciosamente — "resolvi figurar no cinema. Juntamente com Michele Morgan, apareceria com várias outras pequenas em "Le Mioche", filme com Lucien Baroux. Mas, à última hora, recebi um chamado do estúdia comunicando-me uma mudança nos planos. Não tinham chegado a um acôrdo com a artista que iria fazer o papel da jovem mãe e a "script-girl" havia, imagine, pensado em mim!"

— "Não está nada decidido ainda, disse-me ela, mas é possível que queiram fazer um "test". Fique aí e não se mova. Eu, naturalmente, não pensei em desobedecer e fiquei ali, deixando até passar a hora do almôço para não perder a chance. E às 9 da noite, eu ainda estava lá. Foi quando vieram buscar-me".

— "Explicaram-me a cena ràpidamente; eu deveria interpretar uma mãe infeliz e esfomeada. Escusado será dizer que — modéstia à parte — eu desempenhei com realismo a cena. E no dia seguinte, soube que fôra contratada. Mas o que o estúdio não soube foi que eu não tive dificuldade nenhuma em convencer alguém, pois eu estava realmente com fome e os estigmas dessa tortura deviam estar estampados em meu rosto..."

Madeleine solta uma sonora gargalhada e continua:

— "Após "Le Mioche", seguiram-se outros filmes, onde fui colocada em papéis de ingênua, quando, na verdade eu teria preferido outros. Mas como ainda não possuisse fama, não podia dar-me ao luxo de escolher os papéis. Apareci em "L'Assaut", com Charles Vanel, "Tempête sur l'Asie" com Conrad Veidt, "L'Innocent", com Noel-Noel, "O Capitão Benoit", com Mireille Ballin, "Traidera", com Viviane Romance, "Grisou", com Odette Joyeux, "Nuits de feu", com Jean Murat, "La Nuit merveilleuse", com Fernandel", "Promesse à l'inconnu", com Claude Dauphin. Em todos êsses filmes, tive mais ou menos, papéis água-com-açúcar, até que veio a verdadeira oportunidade na pessoa de Jean Grémillon, que me confiou o papel da moça neurastênica em "Lumière d'Éte", ao lado de Madeleine Renaud e Georges Marchal. Êste papel conseguiu fazer por mim o que os outros até então não haviam feito. Depois sob as ordens de Autant-Lara, filmei "Dulce, paixão de uma noite", película encantadora, ao lado de Odette Joyeux, Marguerite Moreno e Roger Pigaut. Também neste tive um bom "rôle", o da governante traiçoeira, que causa a morte de "Douce". Depois, Christian Jaque ofereceu-me um bom papel em "Sortilégios", com Fernand Ledoux, Lucien Coedel, Renée Faure e Pigaut.

— "Quer dizer que por esta ocasião, já o cinema lhe proporcionava as situações que você ambicionava" — atalhamos.

— "Sim, felizmente para mim os papéis de ingênua já estavam longe, apenas na recordação. Nessa altura eu obtinha do cinema o que desejava: papéis expressivos, grandes ou pequenos, não importava, mas que marcavam a minha presença na tela. E seguiram-se vários outros, que não vale a pena lembrar".



Lembramos a Madeleine o 1º prêmio de interpretação feminina que recebeu no Festival de Marianské-Lazné em 1948, pelo seu papel em "Les frâres Bouquinquant".

— "Sim, foi excelente a parte que me coube neste filme. E' assim que eu encaro a carreira cinematográfica: bons papéis, que podem fazer muito por um artista, independentes de "rôles" estelares. Mais fàcilmente eu aceitaria um papel pequeno, de dois minutos que fôsse em cena, mas que fôsse expressivo e com "vida", do que atravessar um filme todo numa parte vazia".

— Compartilhamos da opinião de Madeleine Robinson. E perguntamos:

— "Quais os seus filmes prediletos?"

— "Foram aquêles onde tive bons papéis; não só os já citados como os últimos que tenho feito: "Une si jolie petite plage", com Gérard Philipe, "One ne triche pas avec la vie", "L'Invité du mardi", com Bernard Blier, "Deus necessita de homens", com Fresnay, etc. E "Rebento Selvagem", (Le garçon sauvage), de Dellannoy, que me permitiu viver o papel

(Cont. na pág. 34)

O que se passa entre êles



Howard Duff é êste «bonitão», que, em «Teimosa e Valente» beijou muita garôta, e se esqueceu da velhinha

UMA MOÇA MUITO TRABALHADORA

PEGGY DOW, da Universal, quisera saber que foi feito da pompa e esplendor que, segundo todo mundo, rodeiam as "estrêlas".

"Quando me darão a oportunidade de vestir trajes deslumbrantes e reclinar-me em luxuosos divans de sêda e ouro?" pergunta Peggy. Na realidade não espera resposta.

Peggy Dow, da Universal-International, que está louca por um papel em que exiba o maior luxo



No que se refere aos filmes, a atriz se converteu no protótipo da moça trabalhadora que ganha seu sustento com o suor de sua fronte. A forma arrebatadora na qual Peggy conquistou Hollywood ao estrear no papel de uma vingativa jovem da sociedade lhe fêz pensar que continuaria a representar esta classe de caracterizações mas jamais voltaram a lhe falar nisso.

Em rápida sucessão, Peggy Dow tem desempenhado na tela diversas profissões como sejam: enfermeira, professôra, jornalista, empregada bancária em "SÓ RESTA A LEMBRANÇA", enfermeira de novo em "HARVEY" e secretária em "DIVINA INTUIÇÃO", seu mais recente filme da UNIVERSAL INTERNATIONAL. E o sexto papel de importância no qual tem que trabalhar para ganhar o pão de cada dia (cinematogràficamente falando).

"Temo que não seja esta a última vez que tal coisa aconteça", comentou Peggy. "Seguramente ainda me esperam ocupações como manicure, telefonista, camareira, empregada, vendedora, ajudante de dentista e professôra de ginásio".

"Os papéis nos quais terei que vestir luxuosos pijamas de sêda e esplendorosos trajes de noite, minhas colegas os arrebataram. Mas eu não perco a esperança. Sobra-me paciência".

O BEIJO DE JOSEPHINE

Estando a ponto de ser terminada a filmagem da comédia da UNIVERSAL INTERNATIONAL em Tecnicolor "TEIMOSA E VALENTE" (The Lady From Texas), se modificou a tôda pressa o guia da mesma para que a veterana atriz Josephine Hull pudesse beijar o galã do filme .

Fato tão comentado como êste teve lugar em conseqüência de ter-se queixado a atriz de 66 anos de idade, de que não lhe tinham reservado nenhum dos beijos que tão simpático galã como Howard Duff dá na sua heroína no filme.

"Já são três filmes que faço", lamentou Josephine, "sem que em nenhum dêles me toque ainda que seja um paternal ósculo na face". "Bela maneira de tratar a uma atriz laureada pela Academia".

O diretor Joseph Poveney reconhecendo a justiça da reclamação imediatamente modificou uma cena, para que Howard Duff pudesse beijar Josephine em ambas as faces.

A VOZ DA EXPERIÊNCIA

Tôda pessoa que seja capaz de correr um quilômetro e nadar 15 metros debaixo dágua reune as condições necessárias para ser um cantor, isto é, se além disso souber cantar.

Esta foi a afirmação que Frank Sinatra fêz, no cenário donde filmava "AO COMPASSO DA VIDA" (Meet Danny Wilson) filme da UNIVERSAL INTERNATIONAL recentemente terminado, no qual protagoniza com Shelley Winters e Alex Nicol.

"Tanto na ópera como nas canções populares" disse Sinatra "90% do êxito consiste em saber regular a respiração. Tanto para o cantor, como para o lutador que treina com pesos, ou o corredor pedestre que se prepara para os mil metros rasos, depende de sua capacidade para inspirar o ar suficiente com o ritmo apropriado, pois isto lhe permite realizar seu trabalho, de forma correta".

Sinatra pratica o sistema respiratório chamado "rosa imaginária". O método consiste em provisionar-se de ar mediante uma série de curtas inalações similares as que se fazem quando se cheira uma rosa. Isto se faz enquanto se canta e dêste modo é possível inspirar o ar necessário, através do nariz, para interpretar qualquer composição por maior que seja.



A veterana de 66 janeiros, Josephine Hull, que fêz questão de ser beijada pelo galã Duff (uff!...)

Frank crê que jamais teria podido chegar a dominar esta técnica a não ser pelo costume que tem de correr um quilômetro todos os dias e nadar debaixo dágua sempre que vai à piscina.

A BELEZA DOS SEIOS **BÉL-HORMON**

Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº 1; e quando fôr ao contrário, demasiadamente volumosos, use BÉL-HORMON nº 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.

BÉL-HORMON



Distribuidores para todo o Brasil: Sociedade Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Rua da Carioca, 33 — Rio de Janeiro

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de «BÉL-HORMON» nº ....

NOME ....

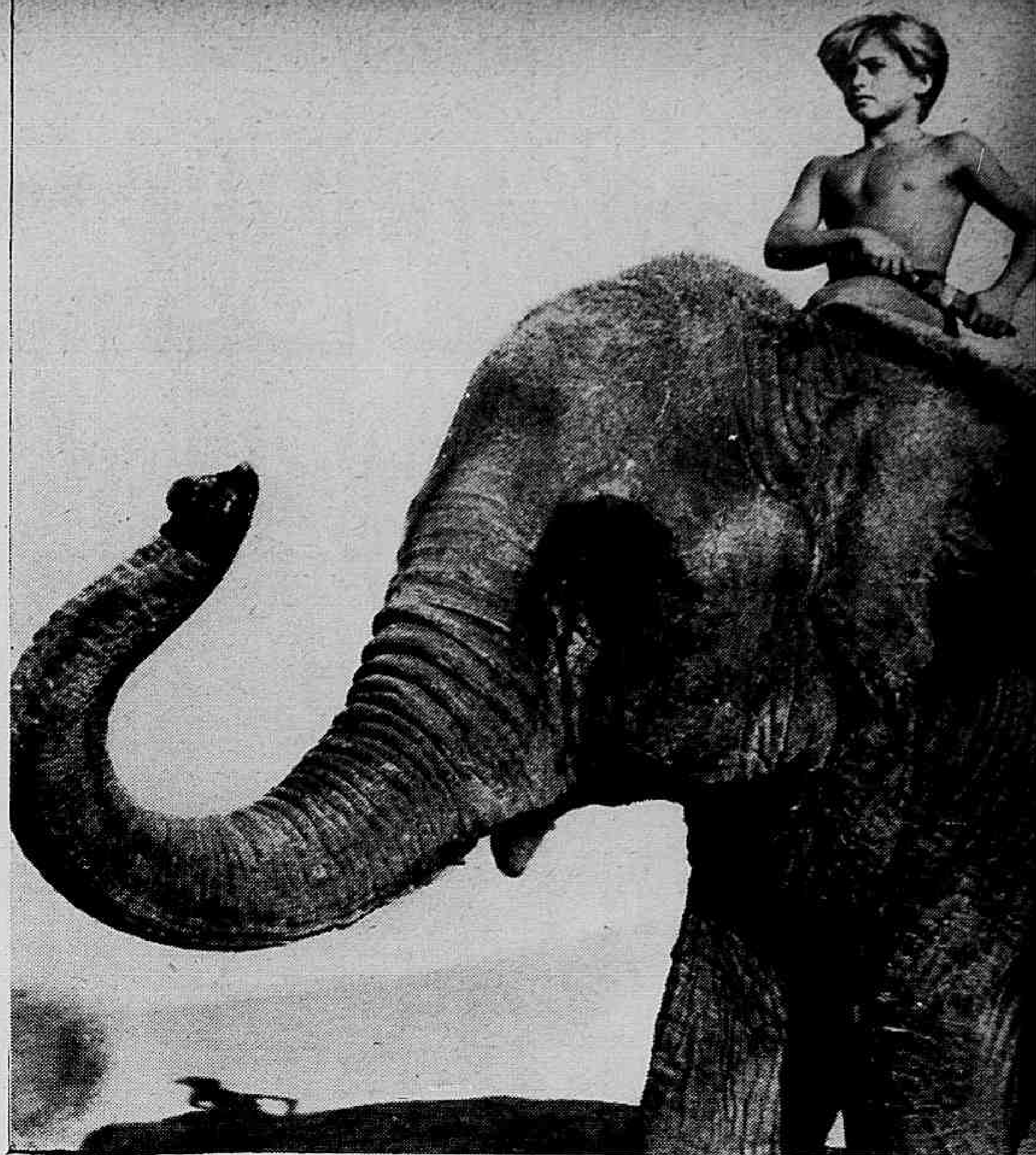
RUA .... Nº ......

CIDADE .... ESTADO ....

Preço para todo o Brasil Cr$ 50,00

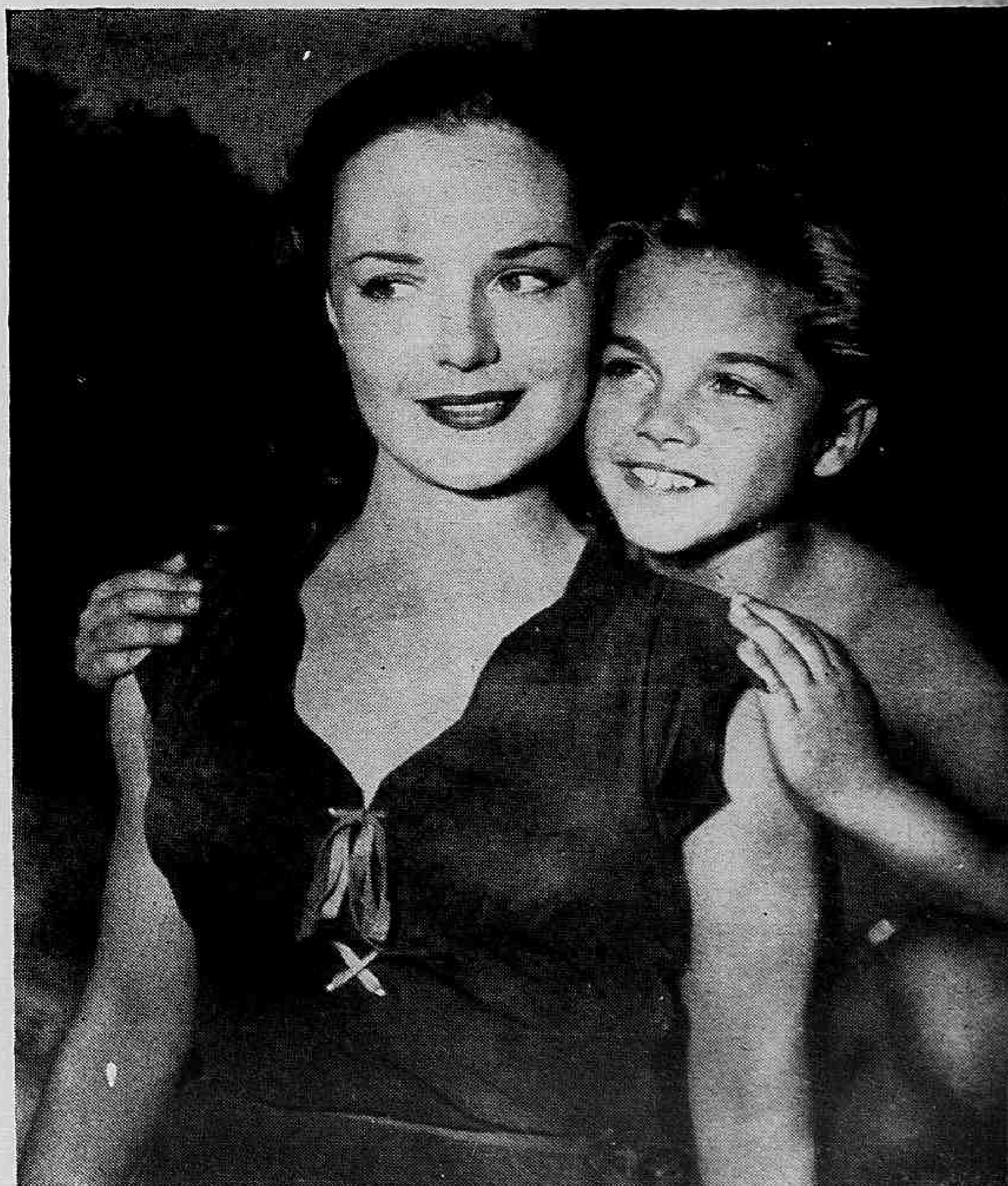
UM MENINO FAMOSO

QUAL a criança entre cinco a catorze anos que não gosta de ver filmes de Tarzan? Crianças, sòmente? Há muita gente de cabelos brancos que também aprecia essas películas de aventuras nas selvas, entre complicações de tôda espécie. Mas, o sonho de qualquer criança é viver como Tarzan vive nas florestas, entre animais selvagens e aventuras empolgantes. E' verdade, que, basta a cada uma dessas crianças, ter um contacto mais direto com a mata virgem, aí mesmo pelas montanhas da Tijuca ou da Gávea, para mudar de pensamento. E' que a vida na floresta só tem graça nos filmes. Na vida real... é de arrepiar cabelo. Contudo, não há garôto que não tenha vontade de bancar o Tarzan. Dentre êsses havia um, de nome Tommy Acker, descendente de família de artistas de circo, sendo êle mesmo excelente acróbata. Um dia lhe fizeram uma proposta: Precisavam dêle num filme de Tarzan! E' claro que o menino não quis mais conversa, e firmou contrato. Suas aptidões em acrobacia muito contribuiram para a aceitação pela RKO, emprêsa que estava precisando de um menino de sua idade, isto é, de dez anos, para interpretar um papel não muito fácil. Tommy Acker fechou o negócio. Sua performance foi excelente, estreando então em "Tarzan e a Fúria Selvagem" (Tarzan's Savage Fury), uma produção de Sol Lesser para a RKO. Nesse filme o papel de Tarzan foi confiado a Lex Barker, que passou a ser o novo Tarzan. Barker gosta muito da macaca Cheta, aquela que faz as delícias da garotada em matinées tarzânicas... E dizem que Lex Barker está procurando falar a língua da chimpanzé, para que possa ainda mais integrar-se no filme. Segundo os entendidos, Cheta não está gostando muito é da pronúncia dêle, com acentuado sotaque americano...



Tommy Acker, novo membro da família Tarzan, e que não quer outra vida





Dorothy Hart, a nova companheira de Tarzan, com o menino acróbata

O par amoroso de «Tarzan e a fúria selvagem», miss Hart e Lex Barker



Por DURVAL FONSECA

RAUL ROULIEN

Os fãs de cinema de hoje quase que ignoram quem foi Raul Roulien, êste artista brasileiro, que durante muitos anos trabalhou nos filmes de Hollywood. Julgam e pensam que, de brasileiro, sòmente Carmen Miranda conseguiu triunfar na terra de Tio Sam.

Entretanto, aqui temos Raul Roulien, que figurou em infinidade de filmes da «Fox», e que chegou a secundar Frederic March em um concurso de popularidade instituido por Photoplay destacada revista de cinema editada em Hollywood.

E para relembrarmos a carreira de Roulien, vamos começar por aquêle filme em espanhol e estrelado por Manoel Arbo, e que era o primeiro da série de filmes famosos de Charlie Chan, intitulado «Eran Trece»; depois vamos a filmes como «Deliciosa» com Janet Gaynor, Charles Farrel, Virginia Cherril, El Brerdell, e Mischa Auer, «Último Varão Sôbre a Terra» com Rosita Moreno, «O Homem Que Ficou Para a Semente» com Joan Marsh, e Gloria Stuart, «Porta Aberta» com Rosita Moreno, «Granadeiros do Amor» com Conchita Montenegro, «Voando para o Rio» com Dolores Del Rio, Gene Raymond, Ginger Rogers, Fred Astaire. «Mulher Pintada, onde fazia um nativo, amigo fiel de Spencer Tracy, e que morria na seqüência final. «Advogado de Defesa» com John Barrymore, e Helen Tweltress, «A Marcha dos Séculos» um filme épico com Clive Brook, Dianna Winard, Franchot Tone, etc. Trabalhou também em «Alegre Divorciada» fazendo a apresentação da nova dança «Continental» Dotado de excelente voz, Roulien fêz sucesso, com suas canções filmadas, destacando-se entre elas «Deliciosa» cantada para Janet Gaynor, e «Orquídeas ao Luar» para Dolores Del Rio.

Depois Roulien voltou para o Brasil onde fêz «Aves sem Ninho» com Rosina Pagã, e Déa Selva: «O Grito da Mocidade» com Jayme Costa, Jorge Murad, e Conchita Montenegro, então sua espôsa. Filmou também «Asas do Brasil» e «Jangadeiros» ambos incendiaram-se causando-lhe imenso prejuízo financeiro.

Roulien que já fêz sucesso no cinema, atualmente trabalha em teatro, onde atua com êxito, muito embora sem ter o resultado financeiro que dêle se poderia esperar. Raul Roulien foi, portanto, um astro famoso, não sendo o único que tenha trabalhado no cinema americano, pois antes dêle já tinham tentado a terra do cinema Zacarias Yaconelli, Olímpio Guilherme, (vencedor de um Concurso patrocinado pela Fox) não logrando sucesso; Lia Torá, sua companheira no concurso e que conseguiu trabalhar em poucos filmes como «Mulher Enigma», «Hollywood, Cidade dos Sonhos», etc. Olímpio Guilherme atuou em «Fome», um filme que contava as desditas dos extras famintos do cinema.

Hoje, com Carmen Miranda triunfante no cinema norte-americano os seus fãs que não viram os filmes que citei, ficarão sabendo que a «bombshell» não foi a única.

Finalizando esta página dedicada a Raul Roulien, não quero deixar de citar também êstes filmes em que êle tomou parte: «Meias de Sêda», com Rosita Moreno e Mona Maris, e um filme com Catalina Barcena, cujo título se não me engano foi «Mulher e Nada Mais». Não sei o sucesso dos filmes de Roulien em outras capitais; mas na Bahia, o Cinema Jandáia, de propriedade de um amigo particular do ator, superlotava-se, sendo necessário sessões contínuas para dar vasão ao público, que o idolatrava. E são para êstes fãs de Raul Roulien a quem eu dedico esta ligeira crônica do mais famoso ator **brasileiro que já atuou no cinema americano**.

DOIS GRANDES CINEASTAS

Há muito desejava prestigiar pela imprensa o nome de dois grandes brasileiros, que lutam pelo cinema nacional. Entretanto por um ou outro motivo, não o havia feito até então. São êles, Alberto Cavalcanti e Oduvaldo Viana. Dois grandes nomes, dois grandes brasileiros.

Oduvaldo Viana lavrou dois tentos dirigindo para o nosso cinema: «Bonequinha de Sêda» e «...Quase no céu...», êste último com a mais notável «estrêla» do nosso rádio: Lia de Aguiar, dois grandes e indiscutíveis sucessos que marcaram época na nossa futurosa cinematografia.

E' pena que êsses dois grandes valores não se unam, o que se daria para o bem do nosso cinema. Unidos, conhecedores profundos dos segredos da sétima arte, nos dariam grandiosas películas.

Para atestarmos o valor de Oduvaldo Viana, basta que nos lembremos de suas notáveis novelas radiofônicas, que, adaptadas ao «écran» dariam filmes dignos de serem vistos. Creio que muitos como eu jamais se esquecerão de «Escravos do passado», «Dedicação», «Escrava do Amor», «Renúncia», «Fascinação», «Justiça», «A Mulher Que Perdeu a Memória», «Cidade Adormecida», «Suspeita», «Maldição», «A Desconhecida», «Pelos Caminhos da Vida», e da que no momento é irradiada pela Tupi de São Paulo: «Uma Sombra Entre os Dois».

De Alberto Cavalcanti basta que se fale em «En rade» e «Nas Garras da Fatalidade», dois grandes filmes de sua numerosa bagagem cinematográfica na Europa.

Da junção dêstes dois grandes cineastas patrícios, a nossa cinematografia só poderia lucrar. E' uma sugestão. Mas, quem sabe? Talvez esteja lançando semente em terra fértil...

S. João del Rey — Minas Gerais.

MAURO TORRES



SENTENÇAS: A taça: — Bom. Um a dois bolos: — sofrível. 3 a 6 bolos: — mau. Cadeia: — péssimo.

Está aberta a sessão. Começaram os réus

ERA UMA VEZ UM VAGABUNDO, filme da Brasil Vita Filmes dirigido por Luís de Barros.

Argumento sem qualquer originalidade, já muito explorado. «Gags» sem nenhum efeito humorístico. Desempenho sofrível pelos artistas, todos mais ou menos ao mesmo nível. Um reparo para futuros trabalhos de Luís de Barros: evite, meu amigo, estimular o agrado dos fãs com situações amorais. Aquêle hotel de luxo, à praia, mais parece um prostíbulo, um estabelecimento de zabaneiras, tais os olhares e os trejeitos que fazem às hóspedes aos homens que vão chegando. Para que isso, meu caríssimo Lulu? Vistos os autos, e tendo-se em vista a precaridade do nosso cinema, especialmente quando são os filmes rodados em estúdios como o da nossa veterana Carmen Santos, condeno os réus a dois bolos.

OS DOIS LADOS DA VIDA, filme apresentado pela Republic, dirigido por Sidney Salkow. Nome original: «Fugitive Lady». A ação se passa na Itália, arredores de Roma. Enrêdo tipo policial sem que haja polícia no meio. Sòmente no finzinho os granadeiros surgem para prender a criminosa, mas vêem frustrados os seus planos. O assunto se prende a uma investigação para pagamento de apólice de seguro de vida. O argumento não desagrada e tem até certos aspectos de bom inesperado. E' todo êle realizado com ritmos de rememorações, cada artista chamado a depor contando o que sabe. Êsse sistema é cansativo e não agrada muito. A direção é boa, os artistas se saem muito bem, o ambiente agrada. Mas nada encerra de mais interessante. Filme vulgar. Um bolo no produtor e absolvição ao restante.

Está encerrada a sessão.

Juiz KONZÊ

E X P E D I E N T E

Fundada em 1921 — Propriedade da COMPANHIA EDITÔRA AMERICANA
Diretor-presidente: Gratuliano Brito
Correspondente em Hollywood: — GILBERTO SOUTO
Redator-chefe de publicidade: — *Severino Lopes Guimarães*

Endereço: Rua Visconde de Maranguape, 15 — Rio de Janeiro — Brasil. — Telefones: — Secretaria: 22-4447; Administração e Publicidade: 22-2550; Portaria: 22-5602. Endereço telegráfico: "Revista". Tôda correspondência deve ser enviada ao diretor-presidente. Distribuição e Publicidade em São Paulo: Agência Zambardino — Rua Capitão Salomão, 69 — Telefone: 34-1569.

Número avulso para todo o território brasileiro, Cr$ 3,00. Assinatura: Anual (52 números), Cr$ 150,00. Semestral (26 números), Cr$ 75,00. Registrada: Anual, Cr$ 180,00. Semestral, Cr$ 90,00. Estrangeiro: Anual: Cr$ 280,00; Semestral, Cr$ 140,00. Número atrasado, Cr$ 3,00. Agentes em tôdas as capitais e principais cidades do Brasil.

Representantes: — Estados Unidos da América do Norte: Aguiar Mendonça, 19 West 44th Street, New York City, N. Y. Em Portugal: Helena A. Lima, Avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2º Distrito, Lisboa, África Oriental Portuguêsa: D. Spanos, Caixa Postal, 434, Lourenço Marquês. Uruguai: Moratório & Cia., Constituyente, 1746. Montevidéu. Suc. na Argentina: *Inter-Prensa,* Flórida, 229, B. A.

IMPORTANTE: — O preço desta revista é de Cr$ 3,00 em todo o Brasil. Não é permitida a venda por quantia superior à marcada na capa.

Puxa!

Se não me abaixo...

Ela estava furiosa e quebrou tudo o que estava estava ao alcance da mão

SE se fizesse um inquérito entre as platéias do mundo para saber-se qual a preferência dos fãs, se comédias ou dramas, talvez que a maioria votasse nas comédias. E' que a vida já é um drama muito sério, cheio de lágrimas e torturas morais Só nos resta, com efeito, o direito de rir um pouco diante de bons filmes-comédia. Mas uma produção para fazer rir sem descer à chanchada, a cenas de baixa classe. Num filme dramático pode haver seqüências cômicas, cenas que compensam a tristeza da outra parte. Uma espécie de filme tragi-cômico. Talvez a dosagem da felicidade entre os espectadores fôsse esta: fazer chorar e fazer rir, no mesmo argumento. Brevemente veremos um filme que traz muita coisa de comicidade numa história séria: "Macau", da RKO. O elenco dêste filme contém excelentes artistas, destacando-se a endiabrada Jane Russell e o grande Robert Mitchum, que contracena com o veterano William Bendix, pau para tôda obra diante das câmaras. O duelo entre Mitchum e sua querida Jane é dos mais hilariantes. Miss Russell não está para brincadeiras, e, perdendo a paciência, manda à cara de Mitchum tudo o que vai encontrando ao alcance da mão.



Mitchum numa posição pouco estratégica diante de uma mulher indignada

ESTÁ MELHORANDO O CINEMA NACIONAL?

Por MATOS PEIXOTO

NÃO perco um só filme brasileiro. Gosto mais de ver os nossos abacaxis, do que os grandes êxitos dos estúdios estrangeiros. Não é chovinismo. Sou internacionalista. Chego mesmo a advogar a abolição de fronteiras, de bandeiras, tornando a Terra propriedade de todos. Mas, em se tratando de cinema nacional, sinto um imensa prazer ao pagar na bilheteria os dez cruzeiros pela entrada. Isso quando vou sòzinho. Às vêzes pago Cr$ 20,00, se quero ser gentil, ou para evitar que algum colega provoque demoras com trocos.

Não gostei do último filme de Luís de Barros, "Era uma vez um vagabundo". Tema surradíssimo, bolas sem originalidade, explorando-se coisas já sem graça, como essa tragédia da falta dágua no Rio. Aquela cena do furto de de meio copo de leite, e, para voltar o litro ao seu lugar, completando-se o surripiado com adição dágua, é coisa cotidiana. A diferença está apenas nos executores do milagre. Não são vagabundos famintos que fazem isso. E' gente de mais elevada classe.

Luís de Barros tem capacidade para fazer filmes de valor; mas, talvez, não disponha de recursos. Dono de imenso poder de improvisação, o diretor de "Era uma vez um vagabundo"", sacrifica a direção com a pressa. Os elementos de sua comédia não decepcionam, a não ser um ou outro que declama, quer converter cinema em teatro, como se estivessem num palco diante de platéias para aplaudi-los quando o pano desce.

Um dos nossos mais sérios defeitos artísticos é justamente êste: os intérpretes não se compenetram dos papéis e querem teatralizar um lugar de *cinemizar*. Os diretores deviam corrigir tais falhas, que, muitas vêzes são fatais à execução dos nossos filmes. Cinema é naturalidade. Quanto mais natural o artista, mais agrada. Nada de afetação com o sentido na câmara. Isso é uma tortura para Barnabés...



Ronaldo Lupo e Marly Sorel, numa cena de «Era uma vez um vagabundo», da Brasil Vita Filmes, dirigido por Luís de Barros, e que não deu mais um empurrãozinho em nosso cinema

A CENA Noturna

VERDADE NUA

por LEONEL ARAÚJO

Por que razão um mau artista de "boite" será ainda pior do que uma crítica a respeito? O intuitivo e razoável, é geralmente o contrário. Um mau artista morre por si e se não morre, faz mal a êle mesmo e a quem o ouve; aquêles que o aplaudem não podem ser pervertidos por êle, porque já o estão. A crítica analítica, nem sempre sucede o mesmo. Pode espalhar idéias más, pontos de vista estreitos ou falsas interpretações, malévolas por vêzes, contudo, sempre com fatos indiscutíveis.

O mau cantor, o ridículo cantor que na maioria das vêzes é aproveitado nas "boites", por mais que se esforce, só é ouvido pelos leigos do assunto. Êstes não pedem esforços do referido cantor na interpretação das melodias, e as ouvem do modo como lhes são impingidas.

Diversa é a disposição mental de quem lê uma crítica. Quer então, — fatos, coisas concretas, observações, comparações, juízes, informações e conselhos a fim de mobilizar o cérebro, a fim de tomar partido e de fixar seu modo de ver.

A missão do crítico é difícil e perigosa. Analisar uma individualidade é tudo quanto há de mais complexo e mais distante: — cada um é um mundo à parte e cada um é um mundo impenetrável. Querer analisar inteiramente é pretensão demasiada; ficar à superfície é pouco, não vale a pena. Torna-se preciso, pois, que o estudioso penetre sempre, mas com a prévia certeza de que não poderá dissecar uma individualidade como se disseca uma rã ou um coelho e também prévia disposição para duvidar das próprias descobertas, assim como das conclusões a que seja tentado.

E ainda não é tudo. O crítico, antes de iniciar seu trabalho, procede a um exame meticuloso de consciência, para verificar se está em condições morais propícias à tarefa. Não lhe basta o amor à verdade.

Situação crítica a minha, seria falar sôbre o maior cômico da atualidade, o nosso "COLÉ" e a separação de sua espôsa, Celeste Aída!

O amor à verdade é suficiente num trabalho de laboratório; o químico e o anatomista que verificam as reações de um certo corpo, num exame meticuloso, podem levar a bom têrmo sua missão sem outro requisito. Se erram, o êrro pode ser apontado a todo momento e destruído, sendo corrigido automàticamente na imensa atividade impessoal, metódica e objetiva da ciência.

Na crítica, tudo corre diversamente. Os erros podem durar; quase posso afirmar, podem perpetuar-se. Não basta pois, ao crítico de almas, o amor à verdade, porque também êle não exclui o êrro, para durar, resistir e triunfar; não precisa senão de vir envolvido numa escrita brilhante e prestigiosa. Esta lhe garante o êxito e lhe garante o papel de um elemento de erudição fácil, para o futuro, em mão de gente que sabe ler...

NOTICIÁRIO

— COPACABANA apresentando-nos com grande êxito, no «show» do «Golden Room» um interessantíssimo «ballet» fazendo-se menção honrosa às integrantes do mesmo, que além de atraentes, têm noção perfeita e coordenada do papel que desempenham.

— CASABLANCA continua apresentando para encantamento de todos, o «show» de Ari Barroso, «Divertissement» que também está agradando plenamente, pois além de ser bem dirigido é alegre e conta com bons elementos.

— PERROQUET está agora mais concorrida, pois baixou seu preço. No momento com a cantora Helena de Lima.

— MONTE CARLO com numeroso público, com o «show» «Um Vagabundo Toca em Surdina» e pequenas atraentes, com Grande Otelo e Edu. No dia 27 dêste mês, Teófilo de Vasconcelos lançou «O Filho da Tirolesa», em comemoração do aniversário da «boite».

— RANCHINHO E ALVARENGA atualmente sob a direção geral de Fernando Barreto e do violinista Fafá Lemos.

— MANDARIM apresenta-nos «sketches» interessantes, com os simpáticos Celeste Aída e Ankito. O conjunto de Julinho, agrada plenamente.

— ACAPULCO deverá apresentar êste mês, «Rapsódia Negra», inspirada em motivos populares tanto do Brasil como do estrangeiro. Mercedes Batista e Nelly Lujan, ex-integrantes da Cia. da Folclorista Katherine Dunham, fazem parte do grande elenco.

— NIGHT AND DAY com o «show» «Êste Mundo é uma bola» com Nancy Wanderley, Wellington Botelho, Edson Lopes e outros.

— Josephine Premice ofereceu um coquetel no «Vogue» aos amigos, por ocasião da passagem de sua data natalícia.



Íris del Mar, antes de entrar em cena



Ela sem as cobras...



Laura Margot, Eva Lanthos, girls e bailarinas

Jazz em cena

De RAMALHO NETO

WOODY HERMAN

COM apenas nove anos de idade, Woody foi lançado como "O garôto prodígio do clarinete". Pouco tempo depois, insatisfeito em apenas tocar clarinete, dedicou-se ao canto e saxofone alto. Ao completar 14 anos, Woody se juntou a uma série de orquestras, e impressionou o mundo musical com sua pouca idade



Peggy Lee é agora exclusiva dos discos Decca

e técnica apurada. Concluiu seu irregular curso secundário em Marquette. O seu interêsse pelo jazz foi estimulado quando ouviu renomados músicos como Duke Ellington, Red Nichols e outros elementos de grande popularidade na época.

Juntou-se à orquestra de Tom Gerun, cantando juntamente com Ginny Simms e Tony Martin. Em 1933 tocou no famoso Pavilhão de Danças Palomar de Los Angeles, sob a direção de Harry Sosnick. Logo depois, deixando Sosnick, ingressou na banda de Isham Jones. Quando esta foi desfeita, os músicos, inclusive Herman, formaram uma organização cooperativa, estreando no Brooklyn Roseland.

Sòmente em 1939, seis anos depois, a sua orquestra tocou pela primeira vez para uma platéia totalmente entusiástica, no Famous Door de New York, na rua 52. Os magnatas do cinema finalmente reconheceram em Woody uma grande atração para seus filmes. Estrelou "Wintertime", "What's Cockin", "New Orleans" e "Earl Carrol Vanities". Também escreveu o "score" musical da popular melodia de George Pal "Rhapsody in Wood".

Com o início da guerra, em 1941, mais uma vez a orquestra de Herman foi sujeita à drásticas mudanças. A corporação foi dissolvida e Woody assumiu tôdas as responsabilidades, convertendo o "sabor" Dixieland para um estilo mais moderno. O grande ano do conjunto, no entanto, sòmente chegou em 1945. Saiu vencedora em cinco importantes concursos e um programa semanal transmitido por uma cadeia de emissoras dos Estados Unidos. O famoso compositor Igor Stravinsky marcou-lhes um concêrto no Carnegie Hall, um ano mais tarde, o que deu ao "band-leader" e seus músicos grande prestígio. Os problemas de após-guerra forçaram Woody a dispersar a sua banda e descansar, mas pouco depois êle a reorganizou, tendo estreado em 1947 no Hollywood Palladium. Em 1948 assinou contrato de exclusividade com a Capitol, onde permanece até hoje. A aguda percepção de Woody e a sua valiosa experiência adquirida no mundo musical, para sempre assegurarão aos fãs da música americana, o melhor.

Nasceu em 16 de maio de 1913, em Milwakee, Wisconsin, mede 1,78, cabelos e olhos castanhos. E' casado com Charlotte Neste desde 1937.

★

RESPONDENDO AOS LEITORES

Hermínio Rosa (Distrito Federal) — Agradecemos suas palavras amáveis e prometemos atender na medida do possível. Iniciamos hoje a série de fotos de orquestras solicitadas com Woody Herman juntamente com alguns dados sôbre suas atividades artísticas. Disponha sempre de "Jazz em Cena".



Sarah Vaughan, cujo estilo é aclamado nos Estados Unidos, mas incompreendido no Brasil

Célia Nobre da Silva (Ribeirão Prêto) — Não, em absoluto nada temos a desculpar porque esta seção foi criada para atender e informar aos fãs da música americana em nosso país. A letra solicitada pela senhorita, "Nature Boy", vai publicada abaixo. Volte sempre.

Du Montenegro (Distrito Federal) — Se não nos enganamos, suas colaborações já foram publicadas nesta revista não é? As letras solicitadas já seguiram pelo correio. O nome da outra melodia cantada por Ava Gardner em "Barco das ilusões" é "I can't help loving that man".

NATURE BOY

There was a boy
A very strange enchanted boy
They say he wandered very far
Very far over land and sea.
A little shy and sad of eye,
But very wise was he
And then one day
A magic day, he passed my way
And while we spoke of many things
Fools and kings
This he said to me:
"The greatest thing you'll ever learn
is just to love and be loved in return.".

CALVÍCIE PRECOCE
Como evita-la!
JUVENTUDE ALEXANDRE
Súper eficaz contra QUÉDA DOS CABELOS
Juventude Alexandre
BELEZA e VIGOR DOS CABELOS



Eis a famosa orquestra do clarinetista Woodi Herman

CENA Grafológica dos FÃS

Por BAPTISTA DE OLIVEIRA

OS PRIMEIROS FRUTOS

O nosso propósito, manifesto de início, nesta seção, desaconselhando o anonimato e nos recusando mesmo, a dar resposta aos consulentes através de pseudônimos, já está produzindo o desejado fruto.

O nosso consulente, sr. Ary Lisboa, pessoa a quem recusamos o exame da respectiva letra sob a condição de não ser publicada a resposta com o seu verdadeiro nome, mas com o pseudônimo que nos ofereceu, endereçou-nos a seguinte carta:

São Paulo, 21 de Julho de 1952.

Ilmo. Sr.

Dr. Baptista de Oliveira.

RIO DE JANEIRO.

Prezado senhor.

Em resposta à comunicação feita por v.s., na «Cena Muda» de 18-7-52, de que só será respondida minha consulta com meu nome, dou a necessária autorização.

De acôrdo com v.s., de que o anonimato é sinal de fraqueza, quero ter a coragem de enfrentar a vida como ela é.

Sem mais, antecipadamente agradeço a atenção que v. s. me dispensar e lhe sou o eternamente grato,

Ary Lisboa

NOVAS RESPOSTAS

Nº 9 — **Nicolau Kelauslu — Rua Joaquim Murtinho — 33. Onde?** — A amostra, a lápis, da sua grafia, não se presta bem ao nosso exame. Servimonos apenas do que apôs no cupão, coisa exígua, de resto, na representação de uma personalidade complexa como nos parece ser a do consulente.

São inegáveis suas possibilidades artísticas, bilioso-nervoso como se mostra.

O consulente é uma pessoa inteligente, tem agilidade mental, mas é muito mal arrumado. Sua cabeça anda em tumulto e o espírito, regularmente culto, está sendo tomado por um lamentável pessimismo. Poderia ir longe, na arte escolhida.

Na companhia de Aristóteles, de Sócrates e de Cícero, o consulente não encontrará a alegria de viver como Zola a definiu. Junte-se a Epicuro, a Platão ou mesmo a Baudelaire e veja que **a vida assim é melhor**. Assim como êles a pintam e sentem.

Nº 10 — **Alexandre Souza — Av. Dr. José Mariano — Ponte Nova — Minas** — Negociante aos 16 anos, o consulente iniciou-se muito cedo. Seu grafismo revela essa pressa e a grande ambição que o levará à frente. Com o temperamento sanguíneo de que é dotado, não lhe vemos pendores artísticos quaisquer. Além do mais, lidando já, com secos e úmidos, como diria o invicto **Simão de Laborairo**, o consulente não cuidou e não está cuidando do preparo do espírito para habilitar-se a coisas mais elevadas e ideais.

Confessa o consulente, ser fã de uma verdadeira legião de artistas, **astros** e **«estrêlas»** nacionais e estrangeiros. Suas preferências estão divididas e assim não nos é possível dizer alguma coisa relativamente às afinidades que possa haver entre o consulente e seus preferidos. São tantos... E' provável que tenha, na sua formação, um pouquinho de cada um.

Nº 11 — **Ita Porcimar — Rua do Arouche, 114 — S. Paulo** — Não há nenhuma necessidade de pseudônimo nesta seção, pois não fazemos referência ás qualidades morais dos consulentes nem temos o propósito de deixar alguém mal perante o público que nos lê.

Somos avesso ao pseudônimo, essa máscara de que se servem as pessoas tímidas. Nosso propósito, aqui, é o estímulo, é o encorajamento dos que, talvez por desconhecerem os próprios predicados e as próprias possibilidades, se achem indecisos quanto ao rumo a seguir.

Ora, quem deseja vencer, quem quer aparecer, não deve ocultar-se no anonimato.

Além do mais, a posse de um predicado mau não constitui um demérito. Nós não somos o que queremos ser, mais o que somos.

A consulente é fã de um grande artista e tem um ponto forte de contacto com seu astro — a inibição de que é portadora, tão bem expressa na direção sinistrógira da sua letra. E' lenta e reservada.

Nº 12 — **Luiz Golluscio — Rua da Abolição, 176 — São Paulo** — O cupão preenchido, sòmente, não é o bastante para um exame grafológico. Os consulentes devem enviá-lo com uma carta, mesmo ligeira, e devidamente assinada. A assinatura contém um mundo de revelações.

Nº 14 — Ary Lisboa — Rua Itapiru, 14 — São Paulo — Resolvemos transcrever, na íntegra, a carta que nos endereçou, para que o seu gesto, ao mesmo tempo elegante e significativo, sirva de exemplo a tantos outros consulentes que preferem o anonimato, mesmo nos casos em que o uso de um pseudônimo não tenha qualquer justificação.

No exame do seu frafismo encontramos sinais evidentes de um bom caráter e de uma sensibilidade aguçada. Sua inteligência é boa.

Emotivo, suscetível e conseqüentemente tímido, o consulente moureja, há dezesseis anos, num lugar de pouco futuro. Tem aspirações, mas lhe falta o «elan» indispensável para torná-las uma realidade.

Nada lhe podemos dizer, nesta seção, sôbre o futuro que o espera. A grafologia não prevê, vê apenas. Pela natureza do seu grafismo podemos dizer que o consulente está exercendo uma profissão abaixo da sua capacidade e do seu merecimento, e na qual se acha um pouco desageitado, apesar do tempo. O seu natural retraimento é o maior inimigo do consulente. Rompa com êle, mande-o andar e veja como é possível, ainda hoje, a repetição daquele gesto do fidalgo da «Ilustre Casa Ramires», magistralmente descrito por Eça de Queiroz. Querer é poder.

Quanto ao «astro» de sua preferência, achamos entre êle e o consulente, alguns pontos de contacto, pelo menos no que êle é e no que o consulente tem vontade de ser.

Nº 15 — **Sylvia Englert** — Rua Tiradentes, 5 — Pôrto Alegre — Sua letra regular, nítida e bem lançada como é, revela o seu espírito brilhante e as bela qualidades de que é portadora.

Muito moça, é bem possível que ainda consiga eliminar essa injustificável timidez, êsse mêdo de aparecer.

O feitio da sua letra denota um espírito de observação servido por uma apreciável sensibilidade artística. O desenho e a pintura estão ao seu alcance e à sua espera.

Nº 16 — **Rosiana Falcão** — Belo Horizonte — Aos 12 anos, a consulente ainda se mostra um pouco ingênua e naturalmente tímida. Tudo isto é justificável, na sua idade.

O «astro» e a «estrêla» de sua preferência, são assim como a consulente. Amam a vida, são românticos e idealistas.

A consulente é uma pessoa sensível e de bom gôsto. Reponta na forma bojuda da sua letra, um pouco de vaidade, atributo, aliás, de tôda mulher, especialmente das que são jovens e bonitas.

NOTA: — Rogamos aos nossos consulentes a fineza de não escreverem em papel pautado nem a lápis, facilitando assim, o nosso trabalho no exame do grafismo de cada um.

Avisamos que as consultas desacompanhadas do cupão impresso abaixo, não serão atendidas.

COUPON

Nome: ....

Pseudônimo: ....

Data do nascimento ....

Estado civil: ....

Profissão: ....

Residência ....

Senhora!
Na toilette diária nunca deve ser esquecida a sua
HIGIENE ÍNTIMA
Metrolina
ANTISSÉPTICO
ADSTRINGENTE
BACTERICIDA

TUDO É RADIO

PROGRAMA, FIGURAS E COISAS

Neste momento em que se procura levantar o prestígio da música popular brasileira, vale ser destacado o trabalho de Luís Vieira, cantor de baiões da Rádio Tamoio. Dono de uma voz agradável, sabendo emprestar ao gostoso ritmo nordestino uma interpretação personalíssima e compondo deliciosas melodias, êsse moço descoberto por Paulo de Grammont vem merecendo os aplausos que lhe tributam os sintonizadores dos principais programas das Rádios Tupi e Tamoio. Se vocês apreciam o gênero que consagrou Luís Gonzaga, procurem ouvir o Luís Vieira. Vão gostar.

★

Fato interessante vem ocorrendo na Rádio Clube do Brasil. Apesar de Alberto Figueiredo — que se revelou num concurso realizado por Ari Barroso — ser um dos mais completos locutores esportivos do "broadcasting" carioca, êle foi pôsto à margem pelo comandante da equipe esportiva da A-3, o qual, diga-se de passagem, é uma excelente criatura, mas não dispõe de requisitos mínimos para fazer a cobertura de qualquer encontro futebolístico. Sérgio de Vasconcelos, que se tem mostrado tão arguto em inúmeras ocasiões, já devia ter percebido isto há muito e, em conseqüência, dado a Alberto Figueiredo o lugar que lhe cabe dentro da Rádio Clube.

★

Antônio Maria, em nossa opinião um grande produtor e um animador de programas de qualidades, não é, entretanto, um locutor esportivo completo, em que pesem os anos que vem transmitindo partidas de futebol. Há dias, por ocasião do "match" Fluminense e Peñarol, o enxundioso mairinquiano, à certa altura, gritou em alto e bom som: "Falta contra os orientais. Bateu Edson sôbre a área dos uruguaios". Acontece, porém, que nós, que estávamos assistindo à peleja disputada no Maracanã e acompanhando a sua transmissão, vimos que o lance descrito pelo Antônio Maria não se realizou... Como o gordinho ilude os ouvintes da A-9!

★

"Acerte o seu relógio", eis aí uma audição que recomendamos com a melhor boa vontade aos apreciadores da música popular. Escolhendo o que há de superior no gênero, Héber Lobato, que conduz êsse "broadcast" da H-8 com segurança e correção, oferece-nos sessenta minutos de boas gravações mescladas com avisos sôbre a marcha dos ponteiros do relógio. Reune, assim, o Héber, o útil ao agradável.

MILTON SALLES

Oradioator Hamilton Santos, um dos novos valores da radiofonia guanabarina, reformou contrato por dois anos com a Rádio Tamoio.

★

Aidée Miranda acaba de filmar, ao lado de Catalano e de Paulo Maurício, para a película "Dois Destinos", que focaliza o tema do divórcio.

★

Ao que se adianta, Gagliano Neto pretende reformar completamente a Rádio Cruzeiro, dando-lhe o aspecto de grande emissora.

★

João Assaf, um dos fundadores da Rádio Eldorado e um dos que mais lutaram no período experimental da ZYZ-22, foi inexplicável e lamentàvelmente dispensado por Gilberto Martins...

★

Zé do Norte, ex-animador da "Hora Sertaneja" da Tamoio, estêve, há dias, no Rio, mas não é provável que êle retorne ao "broadcasting" carioca.

★

A cantora Odete Amaral, que pertencia ao elenco da Rádio Clube, acaba de transferir-se para a Rádio Tupi. Excelente aquisição da emissora de Paulo Grammont.

★

A Rádio Nacional modificou radicalmente o "Nosso Programa", introduzindo-lhe novas e interessantes seqüências. Êsse "broadcast" vai ao éter, diàriamente, das 9 às 10 horas da manhã.

Helena Sangirardi, que pertence à Rádio Nacional e à Rádio Mayrink Veiga, acaba de ingressar na TV-Tupi.

★

Abelardo "Chacrinha" Barbosa está apresentando todos os sábados, diretamente do majestoso Teatro-Auditório das Associadas, a partir das duas horas da tarde, o alegre e movimentado "Vesperal das Moças" programa que conta com a participação dos principais cartazes da taba, como Ademilde Fonseca, Roberto Silva, Elisete Cardoso, Alcides Gerárdi, Dóris Monteiro, Déo, Hélio Paiva e muitos. Além dessas atrações, o "Chacrinha" oferece valiosos brindes a todos os que comparecerem ao auditório. O "Vesperal das Moças" é transmitido pela Tamoio, das 14 às 17,45 horas.

★

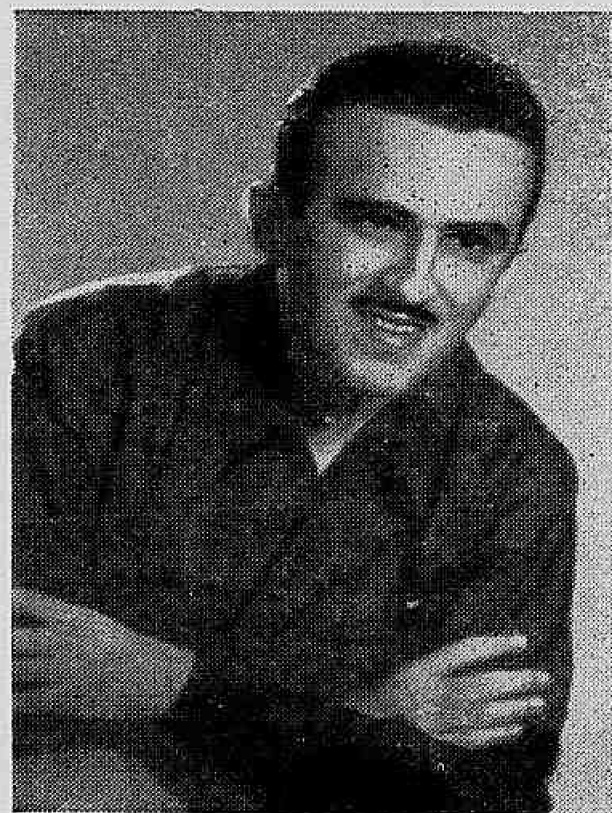
Waldir Azevedo — o campeão do disco — está excursionando pelo norte com o seu famoso conjunto regional.

★

Com a demissão de Rubens do Amaral, a Rádio Globo será dirigida por um triunvirato composto de Murilo Reis, Raul Sá e Sílvio Behring.

★

O radioator e narrador Fernando Garcia, um dos mais completos no gênero que deu fama a Luís Jatobá, renovou contrato com a Rádio Tamoio pelo prazo de dois anos. Fernando Garcia é noivo de Aidée Miranda, com quem deverá casar-se ainda êste ano.



ANIMADOR POPULAR

Abelardo «Chacrinha» Barbosa é, fora de qualquer dúvida, um dos animadores mais populares do sem fio carioca. Atualmente na Tamoio, êle vem comandando com êxito as apresentações do «Vesperal das Moças», que é apresentado às 14 horas dos sábados diretamente do magnífico Teatro-Auditório da Avenida Venezuela



NORA CANTA MUITO

Esta menina, que a Nacional roubou da Tupi, está cantando muito. Entretanto, só agora é que a vocalista Nora Ney gravou o seu primeiro disco. «Menino grande», samba-canção de Antônio Maria que ela perpetuou na cêra, é um dos seus grandes sucessos. Ela também pode ser ouvida em alguns programas da Mayrink

DAQUI, DALI, DACOLÁ

José Fernandes, jovem produtor das Associadas Cariocas, reformou compromisso com a Rádio Tamoio por mais duas temporadas.

★

Consta que há um estremecimento entre Gilda de Abreu e Vicente Celestino, por motivo de ter aparecido um menino de doze anos que se diz filho da "Voz orgulho do Brasil". O caso parece que vai render, pois o menino também é cantor e uma emissora está interessada em apresentá-lo ao seu microfone.

Celestino Silveira recebeu interessante proposta da Rádio Nacional. O veterano comandante do "Cine-Rádio-Jornal" está assuntando...

★

Jamelão, Ademilde Fonseca, a Orquestra Tabajara e diversos outros artistas das Associadas Carioca irão a Paris, numa caravana chefiada pelo senador Assis Chateaubriand.

★

Almirante fêz a sua estréia na Rádio Clube do Brasil, quinta-feira última, às 21,30 horas, com o programa "O poeta do Castelo".

ESTAS ACONTECERAM

NAPOLEÃO E AS CÓCEGAS

Napoleão Tavares, veterano homem de rádio e diretor da Orquestra da Rádio Clube, é um indivíduo que tem um ponto fraco, ou melhor, fraquíssimo: são as cócegas. P'ra sentir cócegas, o Napoleão está sòzinho. Basta alguém dar uma cutucada no seu flanco, quando estiver distraído, e êle se atira ao chão, dando grandes gargalhadas e esperneando no mais louco frenesí. Há uns anos atrás, quando pertencia à Mayrink Veiga, Napoleão estava executando um solo de pistão. Era o fox-blue "Poeira de Estrêlas"... e o pistonista fazia chorar o instrumento, longamente, docemente, dormindo nas fermatas... Nisso, alguém — encarnando o mais legítimo espírito de porco — chegou no vidro do estúdio, chamou a atenção do célebre musicista e com os dois dedos indicadores fêz o gesto, à distância, como se fôsse cutucar simultâneamente os dois flancos de Napoleão... Foi a conta! A nota desafinou de chofre... êle atirou o instrumento para o ar... e caiu sentado, dando gostosas gargalhadas.

HAROLDO E AS ESTANTES...

Haroldo Barbosa, agora na PRA-9, *antes de se consagrar como produtor, ganhou fama como discotecário. Lembramo-nos dêle tomando conta da discoteca da Nacional. Tinha pelos discos um carinho apenasmente paternal: limpava-os com ternura, acariciava-os, sentia na própria carne quando algum deles se partia. Êsse carinho vinha desde os tempos de discotecário da Transmissora.*

Uma ocasião, na mesmíssima PRE-3, *Haroldo comunicou a Alziro Zarur que os discos da estação estavam sendo arquivados em posição errada e que, por isso, muitos começavam a se empenar. No dia seguinte ao chegar à estação, Haroldo abriu a bôca:*

— Puxa vida! Quem fêz isso?

— "Foi o Zarur".

O Alziro tinha mandado deitar tôdas as estantes, para os discos ficarem em posição correta. Nem ao menos cerraram os pés das estantes que o pessoal da atual Globo passou a aproveitar para pendurar os paletós.

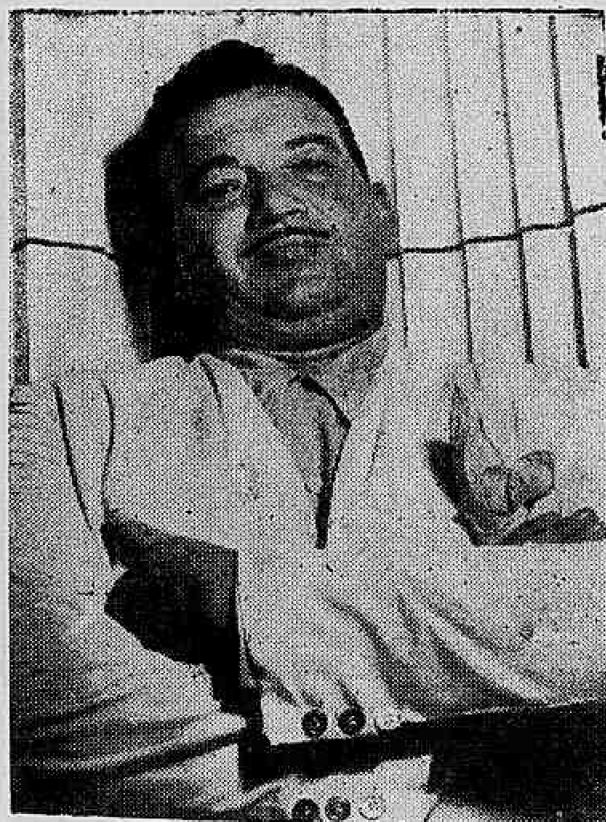
A DANÇA SELVAGEM...

Esta aconteceu na Rádio Jornal do Comércio, recifense. Inauguração oficial da emissora. Noite de gala no auditório. No balcão os presidentes da República e do Estado, autoridades, embaixadores, cônsules. No palco luxuoso, executavam um programa musical. E no mesmo instante em que o Gal. Dutra se preparava para sair — entre dois números de música— o locutor anuncia:

— "Ouviremos agora a "Dança Selvagem", uma página tìpicamente brasileira.

Incontinenti o Pres. levanta-se e a orquestra rompe o Hino Nacional.

Sem traquejo do micro, o espiquer não teve a presença de espírito para retificar a tamanha rata que ficou nos ares



PAGANO ESTÁ BRILHANDO
Apesar de ter perdido o seu famoso horário dos domingos, na Rádio Nacional, o humorista Pagano Sobrinho continua brilhando em diversos programas da E-8. Nos dias de folga, êle segue para São Paulo, onde faz «misérias» na Rádio Nacional de lá. Mesmo muito atacado, êle é um artista de grande popularidade



RAINHA DOS FADOS
Helena Gonçalo é, por assim dizer, a rainha dos fados no rádio carioca. Integrando o fabuloso elenco da Rádio Nacional, ela tem se destacado na interpretação das mais bonitas páginas do cancioneiro luso. Suas apresentações no «Programa César de Alencar» são sempre recebidas com entusiasmo pelos auvintes da PRE-8



O ROUXINOL DA TERRA DA GAROA
Hébe Camargo, mercê dos seus dotes vocais, é uma das mais queridas cantoras da rádio paulistano. Há pouco, ela realizou curta temporada na Rádio Nacional do Rio, tendo agradado bastante aos sintonizadores da Cidade Maravilhosa. E' uma vocalista de qualidades e pode subir muito ainda

ABC DE HÉBE CAMARGO

N*ASCEU a* 8 *de Março de* 1929, *em Taubaté (S.P.). O pai, "Feguinho", era professor de música do ginásio local, vindo para São Paulo para as festas inaugurais da Difusora* (1934). *Hébe canta desde pequenina, quando era apluadida em festinhas familiares. O seu sucesso era, então, "Camisa Amarela", de Ari Barroso, gravado por Araci de Almeida. Em São Paulo, participou de inúmeros programas de calouros, na Record, Educadora, Difusora e Tupi, sempre saindo em primeiro lugar. A convite de Aluísio Silva Araújo, passou a cantar na Tupi* (1944). *Fã de Linda Batista, fêz uma pontinha em "Quase no céu", aparecendo, também em "Chuva de Estrêlas". Nunca namorou o cinema. Fêz várias excursões pelos Estados, cantando em Fortaleza, Natal, Campina Grande, Pôrto Alegre, Belo Horizonte, Recife, e em quase tôdas as cidades do interior paulista. O ano de* 52 *foi o ano da consagração para Hébe Camargo, pois foi neste* 1952 *que ela assinou um lindo contrato com a Rádio Nacional de São Paulo. Por diversas vêzes já teve oportunidade de cantar para os rádiouvintes cariocas, que gostaram imensamente do seu estilo brejeiro de interpretar as músicas mais aplaudidas pelos amantes dos ritmos populares. Sempre graciosa, Hébe em tôda emissora em que atua forma de pronto um grande círculo de amizades. Apesar de ter tido muitas emoções na PRG-9, para onde foi levada pelo ex-cacique Costalima, ela diz que sua maior emoção no rádio foi a visita que lhe fêz Dona Marocas, uma fã de mais de setenta anos, que lhe levou um ramalhete de flores na "Cidade do Rádio". A TV-Tupi também já conhece o valor da filha do maestro Fego, pôsto durante algum tempo, quando era do "cast" Tupi-Difusora, ela atuava no vídeo paulistano. Êste, leitores, é o ABC da encantadora Hébe Camargo.*

ACONTECEU DURANTE A FILMAGEM DE "LAS VEGAS STORY"

Victor Mature, o galã de Jane Russell em "Las Vegas Story", durante um breve descanso na filmagem desta película nos estúdios da RKO, posou para um filme de pequena metragem descrevendo o trabalho e as finalidades do Hospital Korsair, para meninos inválidos, de Louisiania, Kentucky, onde êle nasceu. "Em muitos aspectos êste foi o melhor papel que interpretei em tôda a minha vida", declarou o popular astro cinematográfico.

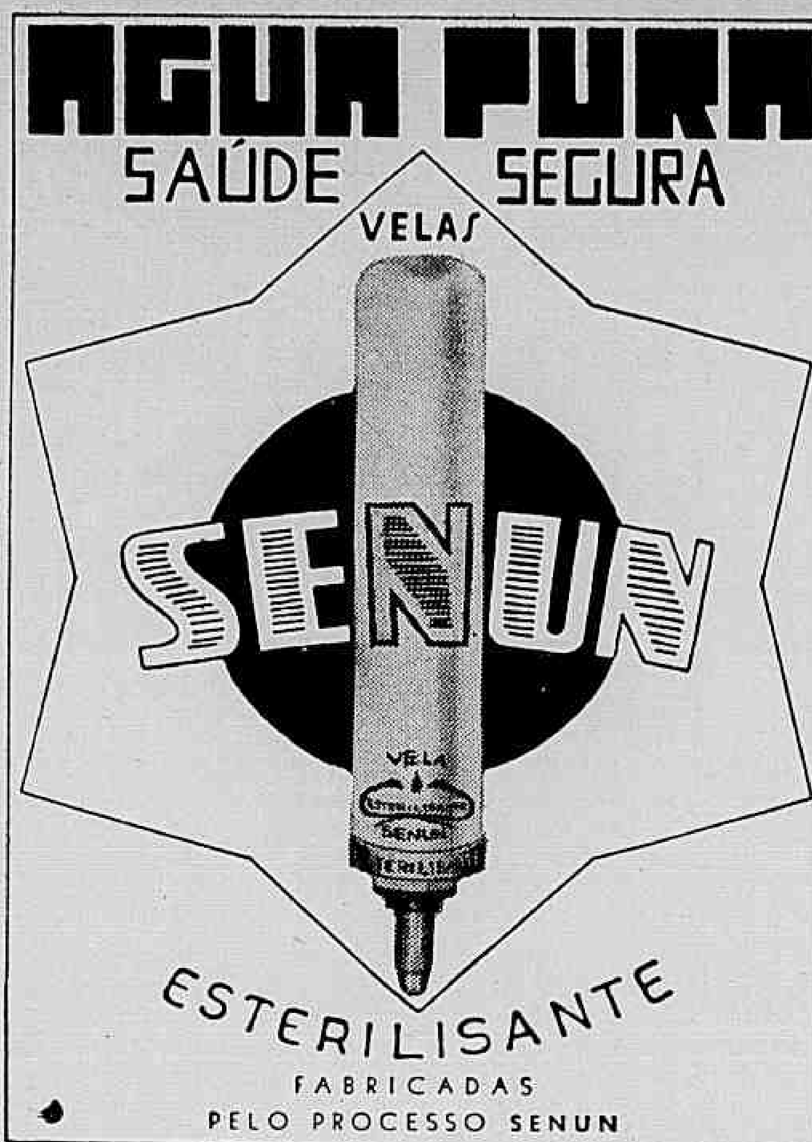
"AINDA HÁ SOL EM MINHA VIDA"

(The Blue Veil)

"Ainda há Sol em Minha Vida" será, definitivamente, o título em nosso idioma, da produção de Jerry Wald e Norman Krasna, da RKO, "The Blue Veil", cuja protagonista é Jane Wyman, seguida por Charles Laughton, Joan Blondell, Richard Carlson, Agnes Moorehead, Don Taylor, Audrey Totter, Everet Sloane e Natalie Wood, sob a direção de Curtis Bernhardt.

CHARLES LAUGHTON EM "AINDA HÁ SOL EM MINHA VIDA"

Ausente dos Estados Unidos por vários anos, Charles Laughton foi novamente chamado a Hollywood pelos produtores Jerry Wald e Norman Krasna. O famoso ator interpreta um dos sete papéis principais de "Ainda há Sol em Minha Vida" (The Blue Veil), que o diretor Curtis Bernhardt dirigiu. Laughton, que estava numa tournée com Charles Boyer, Agnes Moorenhead e Sir Cedric Hardwick, com a peça "Don Juan in Hell", de George Bernard Shaw, decidiu regressar a Hollywood, apesar de enorme sucesso da obra do famoso dramaturgo. Em "Ainda há Sol em Minha Vida" faz o papel de um bondoso homem de negócios, protetor de uma jovem. Em sua ausência do cinema, Laughton estêve ativo no teatro. Fêz também uma série de interessantes conferências, recitando a Bíblia e Shakespeare. Seu mais recente filme para a RKO foi "Fugitivo da Guilhotina".



"A LEGIÃO SUICIDA"

"A Legião Suicida" (The Real Glory) grandiosa produção de Samuel Goldwyn, será um dos grandes lançamentos da RKO. A película apresenta um emocionante episódio dramático da luta das Filipinas pela sua independência, o qual se desenrola nos subúrbios afastados de Manila, capital das ilhas. O elenco tem a liderá-lo a figura artística de Gary Cooper, secundado por David Niven, Broderick Crawford, Andréa Leeds e Reginald Oven. Direção de Henry Hathaway.

ROBERT MITCHUM E ANN BLYTH CANTAM EM DUETO EM "THE KOREAN STORY"

Uma das partes mais interessantes do filme "The Korean Story", é um dueto cantado por Robert Mitchum e Ann Blyth. Mitchum, aliás, tem uma bela voz. Uma companhia produtora de discos propôs-lhe gravar algumas canções, mas o estúdio não concordou porque achou que assim Robert deixaria de ser o "tipo de herói romântico"... passaria a ser "romântico", mas não "herói" e sim "galã". E... assim é Hollywood.

500 ASIÁTICOS UTILIZADOS PARA A FILMAGEM DE "THE KOREAN STORY"

A RKO transportou, por via aérea, de Denver até o acampamento militar em Carson, Colorado, 500 asiáticos, utilizando 15 aviões gigantescos. Os mesmos serão utilizados numa grande seqüência em que aparecem refugiados da Coréia na película "The Korean Story", interpretada por Robert Mitchum e Ann Blyth. Esta produção dos estúdios da RKO está sendo dirigida por Tay Garnett. Durante 3 meses foram utilizados 7 descobridores de talentos para que reunissem na área de Denver os 500 orientais, incluindo homens, mulheres e crianças, de tôdas as idades. A maior parte dêles pertence à Colônia Japonêsa radicada naqueles lugares.

PECADORA . . .

(Cont. da pág. 21)

mesmo ser condenada por um nefando crime que não cometera, enquanto que o verdadeiro assassino lá estava, à morte, num leito de hospital. A Providência Divina apiedou-se de Vera, ao mesmo tempo que dominava o espírito rebelde de Anastácio, já aos estertores e pronto a confessar, ao Padre André, o seu crime de morte contra o Coronel Tibúrcio.

Com a confissão de Anastácio, entretanto, Padre André viu-se num dilema cruciante. Depois de receber a absolvição, o capataz arrependeu-se, de u'a maneira infame, de ter contado seu crime ao sacerdote e lhe suplicou que guardasse segrêdo do que ouvira. Em hipótese alguma deseja ser prêso pela polícia. Preferia deixar que outro, como estava sendo, fôsse julgado em seu lugar... O Padre lhe garantiu que era desnecessário tal pedido, de vez que nunca houve no mundo quebra de sigilo confessional da Igreja. A declaração do sacerdote tranqüilizou e mesmo reabilitou o covarde Anastácio... Ficou curado, até que a Justiça Divina desse o seu parecer.

Chegou, enfim, o dia do julgamento de Vera. Tôda a cidadezinha compareceu ao Tribunal local. A acusação da ré era arrasadora. Tôdas as provas estavam contra a pobre moça, principalmente ao ver do Promotor (RESTIER JUNIOR), que tinha como feroz oponente o Advogado da Defesa (MÁRIO LAGO). As testemunhas se sucederam em depoimentos cada vez mais comprometedores. O sacerdote, que nada podia fazer em sua defesa, pois estava obrigado a manter o segrêdo que ouvira em confissão do Anastácio, limitou-se a confirmar que vira a jovem Vera de joelhos, junto ao cadáver do Coronel, com as mãos ensangüentadas. Entre os presentes ao julgamento estava o verdadeiro criminoso, o crapuloso Anastácio. À êle, para surprêsa geral dos jurados e de tôda a audiência do Tribunal, foi imposta uma dura pena de confissão, que culminou com a absolvição de Vera e sua união à Mário, o homem que realmente amava.

TRABALHOS GRÁFICOS

LIVROS E FOLHETOS

Tratar na Companhia Editôra Americana, rua Visconde de Maranguape n.° 15 — Rio. Telefone 22-8647.

ADORAÇÃO

(Cont. da pág. 26)

lançar em seu rosto todo o meu desprêzo! Falar-lhe dos dias que vivi, das noites que passei detestando tôdas as mulheres! Ingratas! Inconsequentes! Cruéis! Até que enfim, hoje era o meu dia! Sim, eu também queria falar, rir, ironizar! Então pensava que só você é que podia me enganar? Me desprezar? Me passar para trás? Não! Isso não ficaria assim. Bem que custou, mas meu dia de vingança veio. E foi bem feito assim. Se desse mais valor ao meu carinho, não estaria agora abandonada, sem ter para onde ir. Tarde de mais! Não me interessaria mais!

Mas, de súbito, pegando neste bloco de lágrimas molhado, começo a escrever a lápis esta história, para que o ranger da pena no papel não vá despertar nem perturbar o tranquilo repouso de seu corpo...

E, enquanto escrevo, choro de alegria, porque você voltou!...

MADELEINE. . .

(Cont. da pág. 23)

de uma "respeitosa", coisa que eu sempre honhara fazer".

Madeleine Robinson é, na vida real, uma criatura simples e encantadora, em suas atitudes naturais e acolhedoras. Conversar com a artista é uma emoção grata que jamais poderemos olvidar e que se confirma ao ver-se na tela aquêle rosto expressivo, aquêles olhos brilhantes e que exteriorizam imediatamente tôdas as emoções de Madeleine Robinson, a mulher. Os filmes em que aparece essa encantadora e talentosa estrêla são distribuidos no Rio, pela "França Filmes do Brasil".

Nossa capa:

ROBERT MITCHUM

(R.K.O.)

Canta a Alma Popular

AS APARÊNCIAS ENGANAM

Samba-canção de Lupiscínio Rodrigues, gravação de Gilberto Milfont em discos Vitor

Vejam como as aparências
[enganam
Como difere a vida dos casais...
Não são aquêles que mesmo se
[amam
Que às vêzes moram em lugares
[iguais!...
Há uns que casam porque se
[querem
Outros sòmente por comprazer.
sem se lembrar que por mais que
[quiserem
Nunca mais hão de deixar de
[sofrer!...

Com seu criado que está presente,
Também se passa uma História
[assim:
Ela casou-se com outro vivente
E eu tenho outra mulher para
[mim
Só uma coisa eu sempre reclamo
Pois até hoje não me conformei
Que quem casou com a pessoa que
[eu amo
Beije na bôca que eu tanto beijei.

★

CLOPIN-CLOPANT

Canción-fox de Bruno Coquatrix. versão castelhana, Ben Malar

Mirando al cielo le pregunto;
Donde estará mi gran amor.
Pero ninguno me responde,
Y voy muriendo de dolor...

En mi recuerdo vivirá
Eternamente aquel amor...
Te voy buscando entre las som-
[bras:
Mi corazón siempre te nombre...

Voy preguntando sin cesar:
Donde andarás Clopin-Clopant?
En vano piense en tu regresso...
En vano pienso que te beso...
Yo no podré... sonar sin ti...
Donde andarás Clopin-Clopant!

★

MORA NO ASSUNTO

Samba de Oswaldo Vitalino e Joaquim dos Santos, gravado em discos Sinter por Jamelão

Mora no assunto
E vê se te manca
Me admiro muito
Você dando bronca
Ora deixe disso
Que é fogo na roura
Sabes lá o que é isso
Então mudou
Te dei o serviço
Você não morou
Nessas alturas
Tenho que te esculachar
P'ra seu govêrno
Você deve se mancar
Como é que pode
Você dar tanta mancada
Tintia a voga
Deixa de chinfra meu camarada
Como é que é
Vê se mora na jogada.

★

ETERNO AMARGOR

Samba-canção de Othon Russo
Ângela Maria

Longe de ti
Minha vida é um rosário de dor
E' esperar
E' sofrer
E' chorar
E' um eterno amargor
Sem teu amor
Não consigo viver
Fui tão feliz que não posso es-
[quecer

Mas meu amor
Se algum dia a saudade chegar
E em teus olhos o pranto brotar
Podes me procurar.

★

CONFORMADA

Samba-canção de Francisco Alves e René Bitencourt, gravação de Linda Batista em discos Victor

Nada mais me sobressalta
Contigo não mais me iludo
Dizes que nada me falta
No entanto falta-me tudo
Eu vivo sim, é verdade
Debaixo de um rico teto
Mas falta-me a raridade
Da jóia do teu afeto.
És tu que as brigas provocas
E sempre a razão é tua
És tu que ainda me trocas
Pelas mulheres da rua
E eu vivo assim conformada
Sem nunca ter-te traído
Vivendo como casada
Casada sem ter marido.

★

TUDO SOBE, MINHA GENTE

Baião de Arlindo Marques e Roberto Roberti, gravado em discos Sinter por Roberto Paiva

São João
São João
Sobe o leite, sobe a carne,
Sobe o bonde, o lotação
São João! Oh! Meu São João
No entanto, não deixaram
Que subisse o meu balão.
A Maria Candelária
Sobe na repartição
Tudo sobe minha gente
Só não sobe o meu balão
Essa história de "brotinhos"
Faz subir minha pressão
Tudo sobe minha gente
Só não sobe o meu balão.

★

BRIGUEI COM VOCÊ

Samba-canção de Hianto e Haroldo de Almeida, gravado em discos Sinter por Carlos Augusto

Biguei com você, amor
Sem motivo e peço perdão,
Pois o meu coração
Já não suporta tanta dor.
Briguei com você amor
E a razão não sei mesmo explicar,
Eu lhe amo com ardor
Por isso peço p'ra voltar.

Talvez tenha sido o ciúme
A causa da transformação,
Talvez tenha sido o ciúme
A causa da separação
O ciúme nasceu do amor
Quem ama é um sofredor.

★

ÚLTIMA SERESTA

(Samba-canção)

De Adelino Moreira e Sebastião Sant'Ana — Canta, Nelson Gonçalves

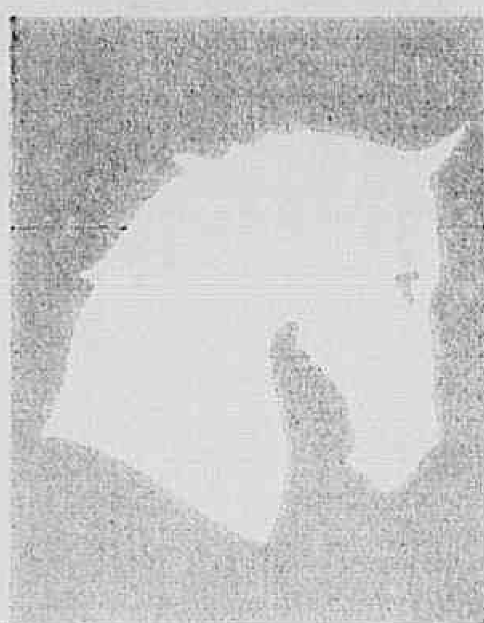
Nesta última seresta
Tenho o coração em festa
Quando devia chorar
Sigo triste por deixar a boemia
Porém cheio de alegria
Por ela me acompanhar.

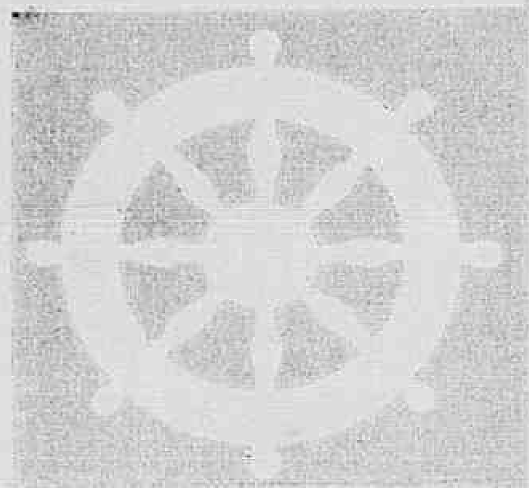
Digo adeus as serenatas
Aos montes, rios, cascatas
E as noites de luar
Adeus, adeus minha gente
Uma canção diferente
Vai o boemio cantar.

Adeus amigos leais
Que não deixaram jamais
Fazer-me qualquer traição
Vosso amigo vai partir
Mais vai feliz a sorrir
Com ela no coração!

Adeus, serestas de amor
Adeus boemio cantor
Perdoa a ingratidão
Pois para o meu novo abrigo
Eu levo apenas comigo
Ela e o meu violão...

N. R. — Reproduzido por ter saido uma incorreção na primeira.





o mais procurado em sua classe!

O prestígio dos
cigarros Holywood é
o resultado
da consagração das
pessoas de
bom gôsto... amantes
da arte e dos
esportes aristocráticos.



cigarros

Hollywood

uma tradição de bom gosto

H-88.093

UM PRODUTO SOUZA CRUZ